



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DAS HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

FERNANDO SIGA

A ORGANIZAÇÃO SOCIAL POLÍTICA E RELIGIOSA DOS
BALANTA: USOS, CONSTUMES E RITUAIS

REDENÇÃO

2015

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DAS HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

FERNANDO SIGA

A ORGANIZAÇÃO SOCIAL POLÍTICA E RELIGIOSA DOS
BALANTA: USOS, CONSTUMES E RITUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Bacharelado em Humanidades da Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, como parte dos requisitos necessários
para a obtenção do título de Bacharel

PROF. ORIENTADOR: DR. LUÍS TOMÁS DOMINGOS

REDENÇÃO

2015

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

Siga, Fernando.

S575o

A organização social, política e religiosa dos Balanta: usos, costumes e rituais. / Fernando Siga. – Redenção, 2015.

67 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Luis Tomás Domingos.
Inclui Figuras e Referências.

1. Participação social. II. Povo Balanta. I. Título.

CDD 302.3

EPÍGRAFE

*“KAM DUTURNA LAKINI NTAM, LAKE A TÓ IID WILL
HÁ NGHAT-NI NTAN”.*

*(Não te envergonhes em voltar atrás para pegar o que
esqueceu, ou seja, não é pecado voltar atrás, isso te permite
conhecer o passado, viver o presente e preparar o futuro.*

Provérbio Balanta

DEDICATÓRIA

À minha família, por sua capacidade de acreditar e investir em mim. Mãe (Dona Sábado Nhassé), seus cuidados e dedicações foram, a esperança para seguir. Pai (Júlio Nhate Sulté), sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinho nessa caminhada. A meu padrasto (Pascual José Sanhá) que tanto me apoiou moralmente e financeira e a alma do meu amado VOVÔ Nthunca Nhaasé.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estudar a organização social, política e religiosa do povo Balanta. O estudo revela que o universo desse povo vai além das meras práticas e costumes. Tentaremos entender as manifestações religiosas desse povo e sua visão do mundo. A visão dos Balanta diferencia-se da visão de muitos outros povos guineenses por conta de alguns de seus princípios de vida: ser valente, não faltar a verdade e ser humilde, recusando a humilhação. Por outro lado, eles sempre estão ligados ao “NGHALA”: ser supremo e criador da natureza. Na dimensão religiosa desse povo, vem o ‘NGHALA’, em primeiro lugar; os ancestrais (Bidam), em segundo, e os espíritos com diversos poderes de bem e de mal, em terceiro. Lembrando que a organização social dos Balanta é horizontal. Isto é, não existe um chefe/regulo. Existe um conselho dos anciões. Nesse conselho, só quem for iniciado é aceite. O verdadeiro homem nessa cultura não é meramente aquele que mostra que sabe muito e é corajoso, mas quem respeita a sua palavra.

PALAVRAS CHAVES: *N'GHALA, BALANTA, BINDAM, TRADIÇÃO CULTURAL, RELIGIOSIDADE.*

SUMMARY

This paper aims to study the social organization, political and religious of the Balanta people. The study reveals that the universe of this people goes beyond mere practices and usages. We will try to understand the religious organization of this people and their world vision. The world vision of Balanta people differs from the world vision of many other Guinean people because of some principles: be brave, not lie and be humble but refusing humiliation. Moreover, Balanta people is always linked to "NGHALA", Supreme Being and creator of nature. In the religious dimension of this people comes the "NGHALA" first; the ancestors (Bidam), in second place, and spirits with various powers in last position. Let's remember that the social organization of Balanta people is horizontal. That means that there is no boss. There is a council of elders. At this council, only who is circumcised is accepted. The real man in this culture is not one that shows he knows a lot and is brave, but rather those who respect his word.

KEYWORDS: *N'GHALA, BALANTA, BINDAM, CULTURAL TRADITION, RELIGIOSITY*

RESUMU

És tarbadju tene suma objetivo estuda maneras di faci/organiza socialmente, politicamente e religiosa de Balanta. és estudu na mostranu kuma universo dés povo ista além di se manera di faci kussas i di kuma di está. No na tenta intindi kuma ku i ta facidu manifestassons ou kuma ke ta mostra se fé i kuma ku é ta intindi mundu. se manera di ntindi mundo i muito diferente ku utrus povos ku é ta vivi ku elis na mesmo terra(Guiné –Bissau) pabia di kuma elis eta apresenta alguns principio básicos suma, sedu homi balente, ku tene coragem i ku kata conta mintida ma ku ka misti falta rispitu. Homi Balanta sempri sta ligadu a Nghala(kil ku nota ta fala Deus na língua di brancus).na si manera di adora i tene Nghala suma mas garandi, na segundu lugar kilis ku nota fala no garandis kilis ku murri dja(ancestrais) i na terceiro i ultimo irans, ku puderes di bem ku di mal. Di lembra kuma na si organização social i kata tene um chefi/ regulo suma utrus etnias di terra(Guiné-Bissau) mas i ta tem um concelho di “bilanti bindam” (conselho dos anciões) ma pa bu torna membro dés grupo bu tem ku bai fanadu (ser circuncidado). Na barda berdadeiro homi pa Balanta i ka kil ku na mundu di brancus kil ku sibi ou k uta mostra ku i sibi ku bai scola mas i kil alguim kuta rispita si conversa, i kata dissal i kai na tchom(kil ku kata konta mintida ou ku ka munturus).

KOMBERSAS TCHABIS: *N'GHALA, BALANTA, BINDAM, TRADIÇÃO*
CULTURAL, RELIGIOSIDADE

RESUMÉ

Ce travail vise à étudier l'organisation sociale, politique et religieuse des Balante. Cette étude révèle que l'univers de ce peuple va au-delà de simples pratiques et coutumes. Nous essayerons de comprendre les manifestations religieuses de ces personnes et leur vision du monde. La vision du monde des Balantes diffère de beaucoup de celles d'autres peuples guinéens car elle contient certains principes de base tels que: être courageux, respecter sa parole, être humble et refuser d'être humilié. En outre les balantes sont toujours liés à "Nghala", l' être suprême et créateur de la nature. Dans la dimension religieuse de ce peuple vient le " Nghala " en premier; les ancêtres (Bidam) en second lieu et les esprits qui ont divers pouvoirs. Rappelons-nous que l'organisation sociale des Balantes est horizontale. C'est-à-dire qu'il n'y a pas de patron . Il ya un conseil des anciens qui n'admet que les hommes circoncis. Le vrai homme, dans cette culture, n'est pas celui qui montre qu'il sait beaucoup et qu'il est brave. Mais plutôt celui qui respecte sa parole.

MOTS-CLÉS: *N'GHALA, Balantes. Bindan, tradition culturelle , la religiosité.*

Redenção

2015

A ORGANIZAÇÃO SOCIAL POLÍTICA E RELIGIOSA DOS
BALANTA: USOS, CONSTUMES E RITUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovado em: 18 de Maio de 2015

BANCA EXAMINADORA

Presidente da banca: Prof. Dr. Luis Tomás Domingos (Orientador)

Prof. Dr. Mário Fernandes Biaguê- examinador

Prof. Dr. Bas'llele Malomalo- examinador

Redenção

2015

AGRADECIMENTO

Antes de tudo gostaria de agradecer a Deus por ter me dado força para aguentar esse difícil e bonito caminho, sem esquecer de agradecer os meus ancestrais que a toda hora estão comigo, nos bons e maus momentos. Eles são a razão do meu viver.

Agradeço os meus pais pela toda paciência e atenção que me deram. Se aqui hoje estou é graças a esforço e dedicação que tiveram.

Quero agradecer a todos os meus colegas de turma e professores que ao longo desse período estiveram junto comigo, e em particular ao meu ilustríssimo professor Dr. Luís Tomás Domingos, pelo seu brilhante acompanhamento (orientação), e por ter me dado muitas oportunidades. Sempre pronto para me atender nas minhas inquietações, lhe agradeço de fundo do meu coração.

Aos meus distintos professores: Maurilio Machado, Manoel Sousa, Luís Carlos, Vilmar Sousa, Bas'llele Malomalo, Bruno Okoudwa, Mário Biague, Sebastião André, pelo o que tenho aprendido com eles e a todos os outros que de uma forma ou outra contribuíram na minha formação. Também gostaria de agradecer de novo todos aos meus colegas da nossa entrada 2013.1, em particular aos seis colegas que partimos juntos de Bissau, o famoso grupo “small people” (Bacar Mané, Sadjo Mané, Pedro Gomes, Alexandre Dias, Frederica da Costa Sá e Elsa Indibe), e em especial aos que dia a dia batalharam comigo nas mesmas salas de aula: Felizberto A. Mango, Iadira A. Impanta, Elizio Júlio Fernandes, Seni Cote e João Gomes.

Também gostaria de agradecer os meus irmãos que toda hora se preocupam comigo e que não deixam que alguma coisa me falte. Também ao meu amicíssimo Davide Carlos Joaquim, que me recebeu nessa terra estrangeira e me deu toda atenção. Obrigado irmão.

Se não agradecesse a UNILAB, estaria a ser ingrato pelo ambiente que me proporcionou, através dos seus brilhantes professores e a todos os técnicos

administrativos que todo dia dedicam suas vidas para o funcionamento da instituição. O meu agradecimento especial a ex-presidente LUÍS INACIO LULA DA SILVA, com toda a sua equipe, que pensou um projeto gigantesco e desafiador.

Aos meus queridos amigos e irmãos Maio Albino Tamba, Elia Maria Leandro Wangna e Edina Ié, que agora vivem juntos partilhando os meus altos e baixos momentos, me aconselhando quando é necessário. E a todos que colaboraram de uma forma direta (Marcelo José Sanha, Simna Sambu, Djamilato Mbintna, Cisandra Paulo Infancu, Marcelino Monteiro, Alexandre Garcia e Alberto Kamnaté Imbunde) ou indireta na realização desse trabalho. Foram peças cruciais, importantes, e sem vocês não teria conseguidos as matérias.

Na tradição africana se diz que alguémm está vivo porque possui os que estão lhe dando força, lhe guardando, lhe protegendo a família e a aldeia. Por isso, gostaria de agradecer a todos os que deram as suas vidas para que eu pudesse estar aqui falando. À memória imortal dos nossos combatentes da liberdade da pátria “TCHOM DI CABRAL”.

LISTA DE FIGURAS¹

Figura 1 Disponível em: http://image.baidu.com.br , acessado dia: 05/11/2014	17
Figura 2: . Bidokn ni ñare: Crianças da 1ª fase etária. Responsáveis da manada.....	23
Figura 3: Ngwak. Jovem com símbolos da sua fase.....	26
Figura 4: Jovens de quarta fase NKUMAN.....	28
Figura 5: . Fonte Julio A.Té, jovens Nghaes.....	29
Figura 6: Blufu ndan: Candidato à circuncisão com traje completo.....	31
Figura 7: Lambe: Grupo de “homens completos” recém circuncidados.....	33
Figura 8: Nbwí fula usonh: Trabalho doméstico das meninas na 1ª fase etária.....	34
Figura 9: Nbwí fula ndan: Trabalhos agrícolas das raparigas na 2ª fase etária	35
Figura 10: Anin Sade: Preparação do sal.	39
Figura 11: Anin Ndolo: Actividade da mulher anciã	40
Figura 12: Fonte: https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+mortode+kumba+iala+guiné+bissau&visitado+em+21/12/2014	52
Figura 13: Nhere Kafe/ kritch: Ritual funerário.....	53
Figura 14: Kpal: Ritual do casamento: momento dos ensinamentos	55
Figura 15: Asma ko: Corte do Cabelo.....	56
Figura 16: Wassá lite: Purificação da noiva.....	57

¹ NOTA: Todas as fotos que usei nesse trabalho foram retirados do livro de Pe.Salvatore Cammilleri, intitulado A IDENTIDADE CULTURAL DO POVO BALANTA publicado no ano de 2010, de página 89 a 98. Com a exceção de fotos de figura 1, 4, 5 e 12. A 1ª e a 12ª foram retirados da internet e 4ª e 5ª foram mandados de Bissau por meu Irmão mais novo de nome Marcelo José Sanhá.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	16
2.	Capítulo 1: História do povo BALANTA	22
2.1.	Origem Do Povo BALANTA	22
3.	Capítulo 2: AS RITUAIS DE PASSAGEM: AS FASES DA VIDA DO POVO BALANTA	25
3.1.	As Fases Masculinas	25
3.2.	A primeira fase: BIDOK NI NHARE/ / Mbu (bidok thicli)	25
3.2.1.	As Tarefas Dos Bidokn Ni Nhare	26
3.3.	A SEGUNDA FASE: NTHOK FÓS (ACENDER FÓSFORO)	27
3.3.1.	AS SUAS ATRIBUIÇÕES:	27
3.4.	TERCEIRA FASE: NGWAC	29
3.5.	QUARTA FASE: NKUMAN	30
3.6.	A QUINTA FASE: NGHAIÉ- NGHEE	32
3.7.	SEXTA FASE: BLUFU NDAN	35
3.7.1.	As Tarefas	36
3.8.	SÉTIMA FASE: LANTE NDAN	37
4.	A FORMAÇÃO FEMININA NA TRADIÇÃO BALANTA	39
4.1	PRIMEIRA FASE DE FORMAÇÃO FEMININA: MBI FULA USSONH	39
4.2.	SEGUNDA FASE: FULA NDAN	40
4.3.	A TERCEIRA FASE: IEGLE	41
4.4.	A QUARTA FASE: THATA	42
4.5.1.	As tarefas	42

4.6.	A QUINTA FASE: SADE	43
5.	CAPITULO 04: A RELIGIOSIDADE E A VISÃO DO MUNDO NA CONCEPÇÃO BALANTA	47
5.1.	A Visão do Mundo na Concepção Africana (Balanta)	47
5.2.	A PALAVRA NA CULTURA BALANTA	48
5.3.	A RELAÇÃO DO HOMEM ÁFRICANO (BALANTA) COM O “NGHALA”	50
5.4.	O QUE SERIA O TEMPO PARA UM HOMEM BALANTA?	51
5.5.	AS GRANDES FESTAS	54
5.5.1.	PREPARATIVOS	54
5.6.	Fanado (ritual da iniciação)	55
5.6.1.	BARITE VERMELHO (NFBAQUI FÁN)	57
5.7.	NHIRI KI RITCH (TOCA TCHORO)	58
5.8.	KUASSÉ (CASAMENTO)	59
5.8.1.	ALIANÇA ENTRE AS FAMÍLIAS	60
5.8.2.	Os rituais	60
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
7.	REFERENCIABIBLIGRAFICAS	63

1. INTRODUÇÃO

Ser ou não ser uma raça ou grupo étnico puro na África Negra é questão ainda para ser discutida e certamente derramará rios de tinta. De 1845 a 1936, no passado longínquo e de 1963 a 1974 no século passado e de 1975 até nossos dias. O passado não nos deu a lição suficiente para saber das estratégias usadas pelos povos da Guiné para se oporem a um único inimigo que é a presença portuguesa (os colonos) que escravizou e vendeu nossos parentes para as Américas, prendeu e submeteu a trabalhos forçados guineenses de cores e etnias diferentes no interior do nosso país? Afinal a

Luta de Libertação que uniu o povo guineense de norte a sul passando pelo Leste não deixou o aprendizado suficiente para sabermos que igual que se fez nela para sairmos vencedores, sem a unidade não será possível construir uma Guiné para todos? Cada guineense, seja ele **Balanta, Manjaco, Fula, Mandinga, Biafada, Papel, Mancanha, Felupe, Banhuns, Baiotes, Cassangas, Saraculés, Padjadincas, Cocolis, Djacancas, Sossos, Nalus, Mansuancas, Oincas** etc., contribuiu para que a Guiné se libertasse. Desde 1845 que os portugueses e seus aliados conheceram a determinação do povo guineense de ser livre”. (BARI,2009)

O presente trabalho de conclusão de curso é fruto de uma pesquisa etnográfica sobre os BALANTAS e tem o propósito de os conhecer, assim como mostrar as suas formas de vida. Antropologia é uma ciência que procura estudar o homem e as suas manifestações culturais. Nesse sentido, animado com a ideia de conhecer bem de perto os BALANTAS / BRASSA, acabei por me apaixonar por fazer um estudo focado detidamente sobre esse povo que atualmente vive na África ocidental, especificamente na Guiné-Bissau. Por um lado, querendo entender as suas manifestações culturais e religiosas e como vivem e as suas relações com os seus vizinhos; por outro, desejando saber como é que encaram a religião dos seus ancestrais e qual é o significado dela para as suas vidas.

A nossa pesquisa tem como tema: A ORGANIZAÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E RELIGIOSA DOS BALANTA: USOS, COSTUMES E RITUAIS. Com ela, quis explorar o potencial desse povo, com o qual me sinto muito identificado.

Se queremos saber das identidades culturais africanas devemos partir dos estudos africanos, das análises e dos livros africanos. Isso porque enquanto estamos pensando de forma europeia, através dos livros Europeus, dos escritores que em maioria das vezes não conhecem e nem sabem nada sobre a África sem menosprezá-los, não vamos ter acesso verdadeiramente às manifestações culturais em sua autenticidade. Um africano sempre vive num mundo de segredo. É preciso conquistar a sua confiança para saber dele alguma coisa, se não ele pode ti falar sobre o que você já leu e sabe, mas não vai falar nada do essencial das coisas, porque ele não sabe quem você é, de onde veio e porque ali está.

O povo Balanta sempre é tomado como revoltoso. Qual é a origem da rejeição desse povo na vida política, social e econômica no país? Por que esse povo é visto como atrasado e que não tem futuro? E por que que são considerados como ameaça da paz e segurança nacional? O fato é que o próprio nome Balanta significaria rebelde. Trata-se de um povo que não gosta de submissão, que é difícil de manipular, mas que trabalha e tem na agricultura familiar e na pesca as suas principais fontes de subsistência.

Parto aqui da hipótese de que o principal motivo para a objeção corrente aos Balanta na vida política e social do país, depois da independência do país, provém da adesão deles às fileiras do PAIGC, no momento da luta armada, a luta pela independência. Isso porque esse povo foi o primeiro e a maioria a aderir ao PAIGG, ainda que, depois da luta, houve tentativa de afastá-los da vida política e social do país.

Depois da independência, todo mundo queria mandar e governar no país. Em 14 de novembro de 1980 se deflagrou o golpe de Estado, liderado pelo então presidente General João Bernardo Nino Vieira. Em 1985 houve um grande extermínio. Na lista dos exterminados, 98% pertenciam a esse grupo étnico e isso acabou refletindo muito na sua reputação e destino. Esse extermínio é uma das consequências nefastas do referido golpe de Estado (o caso conhecido como o 17 de outubro). Para além disso, quando da chegada da dita “DEMOCRACIA”, e com a instalação do multipartidarismo no final de 1991, e início de 1992, alguns políticos usaram de questões étnicas para alcançarem os fins de chegar ao poder, e os Balantas novamente viraram alvo.

Os objetivos gerais do nosso trabalho são: analisar a sociedade BALANTA nos seus aspectos social, político, econômico, cultural e religioso. O que se quer com isso é detectar como é que se dão as relações de poder, especialmente como elas se manifestam no interior das famílias.

Desejamos assim entender esse povo que, por falta do seu conhecimento, é denominado por muitos nomes pejorativos. Queremos fazer sair à tona as suas práticas e costumes, de modo a termos elementos para avaliar os julgamentos que sobre eles são feitos. Seriam eles mesmo “atrasados, corruptos, analfabetos, preguiçosos, ambiciosos”? Como é que os Balantas conseguiram manter as suas práticas tradicionais, sua identidade, ao longo de toda a ocupação dos colonizadores portugueses?

A identidade é uma forma de representação de um povo, incluindo todas as suas maneiras de estar e de conviver. É a expressão cultural dum determinado povo. E a cultura é toda a vida do povo, suas vestimentas, religiosidade e sua forma de encarar o mundo e o próximo. Para Edward Tylor, (TYLOR.1871: citado no grupo escolar) a “Cultura é o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade”. Antropologicamente, a identidade consiste na soma nunca concluída de um aglomerado de signos, referências e influências que definem o entendimento relacional de determinada entidade, humana ou não-humana, percebida por contraste, ou seja, pela diferença ante as outras, por si ou por outrem. Portanto, Identidade está sempre relacionada à ideia de alteridade, ou seja, é necessário existir o outro e seus caracteres para definir por comparação e diferença com os caracteres pelos quais me identifico”.

Para Stuart Hall, a identidade é uma ideia criada, porque ninguém nasce com uma identidade. Por exemplo, ninguém nasce guineense, mas se torna guineense, através das ideias já criadas na sociedade, ou seja, das condutas de vida estipulada pela referida sociedade. Logo, para ele, a identidade é uma imaginação. Para efeitos desse trabalho, concordamos com essa posição de Hall, admitindo que, na verdade, todas as formas de vida em que hoje vivemos não são mais do que uma forma de nos mostrar que temos algo que achamos por bem, que tem uma importância e que devemos proteger e viver dela. Se aceitarmos que as nossas identidades são meras imaginações será difícil sermos preconceituosos com os outros. É nossa ignorância que nos leva para um caminho ermo, que nos torna cegos para ver e julgar adequadamente as condições dos outros.

Neste trabalho esperamos, em primeiro lugar, contribuir para o conhecimento sobre os Balantas seja difundido e ampliado. Esperamos também que ele incite nos jovens guineenses a vontade de querer saber mais sobre esse povo e pesquisar seus costumes e cultura.

...

Para melhor compreensão do nosso objeto de estudo, decidimos pelo método qualitativo, uma vez que proporciona ao pesquisador dados mais qualificativos. E a Antropologia adota em geral esse método para um estudo micro, para desmistificar e entender a fundo as realidades singulares que estão em causa. Por isso esperamos que com esse método consigamos compreender algo da essência dos Balantas, que consigamos minimamente saber interpretá-los em suas práticas.

Devo dizer também que fiz levantamento dados realizei entrevistas, pesquisa bibliográfica e observações não participante e participante.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, é feito um relato da história do povo Balanta relacionado-a à história de Guiné Bissau. No segundo, são examinadas as fases da vida do povo Balanta (as fases masculinas). No terceiro, as fases femininas da vida. No quatro, é tratada a religiosidade e a visão de mundo na concepção Balanta.

1. GEOGRAFIA DE GUINÉ BISSAU

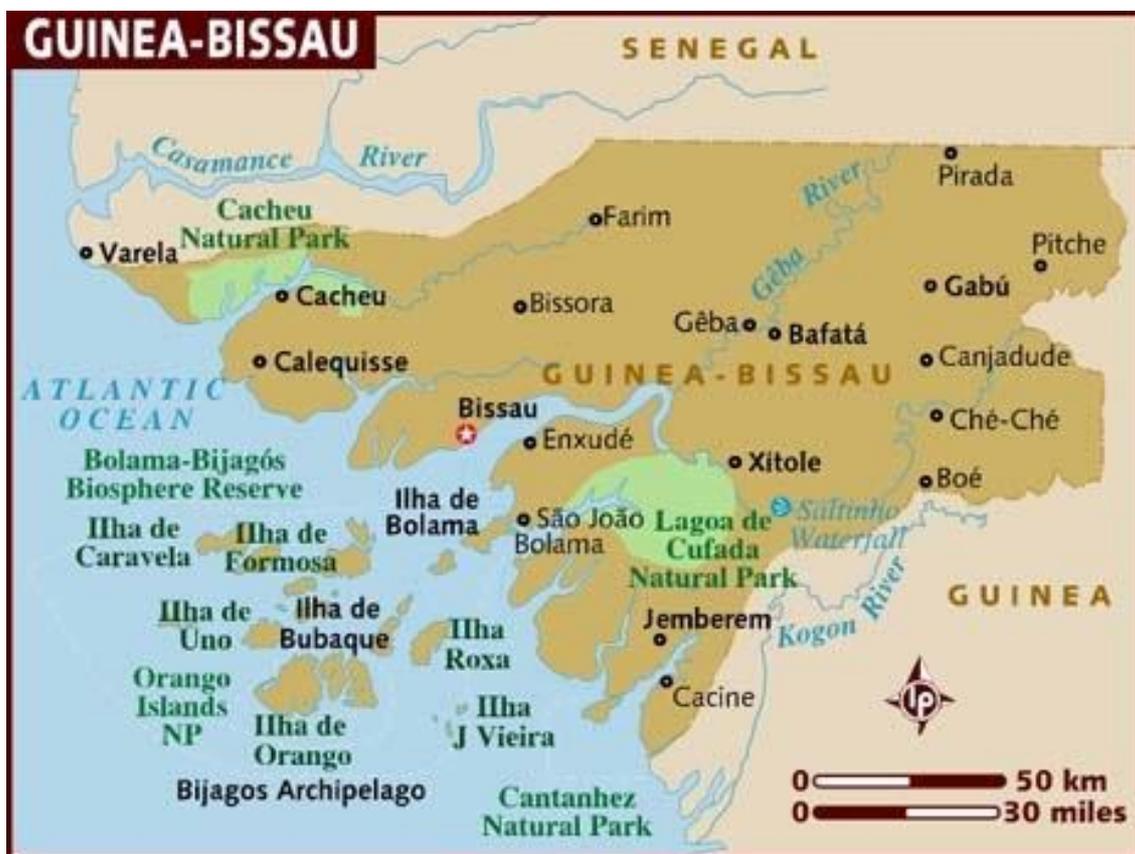


Figura 1 disponível em: <http://image.baidu.com.br>, acessado dia: 05/11/2014

1.1 Dados Geográficos

A República da Guiné-Bissau fica situada na Costa Ocidental de África, limitada a Norte pela República do Senegal, a Leste e Sul pela República da Guiné e a Oeste pelo Oceano Atlântico. A sua superfície é de 36.125 km², dos quais apenas 27.700 km² constituem a superfície emersa devido à fraca elevação do país, relativamente ao nível médio das águas do mar. As marés assim penetram na superfície terrestre até cerca de 150 km², fazendo com que algumas áreas fiquem parciais ou totalmente inacessíveis durante parte do ano.

Guiné possui uma população de 1.514.451, segundo dados obtidos no ano de 2014.

O país é constituído por uma parte continental e uma parte insular que engloba o Arquipélagos dos Bijagós, composto por cerca de 90 ilhas, das quais somente 17 são habitadas.

Administrativamente o país está dividido em oito regiões e um setor autónomo. As Regiões são: Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quínara, Tombali e Sector Autónomo de Bissau, a capital. As regiões estão por sua vez divididas em sectores (36 no total) e estes em seções, compostas por tabancas (aldeias). As regiões e sectores são dirigidos por Comités de Estado, que possui um Presidente a sua frente.

1.1. Clima

situada aproximadamente a meia distância entre o Equador e o Trópico de Câncer, a Guiné-Bissau tem clima tropical, caracteristicamente quente e húmido. Há duas estações distintas: a estação das chuvas e a estação seca. O território insular, composto por mais de 90 ilhas e ilhéus, exhibe algumas das melhores praias da África Ocidental.

A estação das chuvas estende-se de meados de maio até meados de novembro, com maior índice de pluviosidade em julho e agosto. A estação seca corresponde aos meses restantes do ano. Os meses de dezembro e janeiro são os mais frescos. No entanto, as temperaturas são muito elevadas durante todo o ano.

A Guiné Bissau tornou-se independente no ano de 1973, com a proclamação da República unilateralmente e só em 1974 é que foi reconhecida oficialmente por Portugal. A guerra da libertação durou 11 anos. Teve o seu início em 23 de janeiro de 1963.

Guiné é, portanto, um país jovem, com 21 anos de democracia. Depois da independência se tornou um país de regime de partido único e só em 1994 é que ocorreram as primeiras eleições democráticas.

O navegador português Nuno Tristão “CHEGOU” as costas da Guiné-Bissau em 1446 e a partir de 1450 os navegadores passaram a fazer o comércio de escravos, de ouro, marfim e das especiarias com este país. O monopólio dos portugueses terminou no final do século XVII, quando comerciantes ingleses, holandeses e franceses começaram a

interessar-se também pelo comércio dos escravos. A partir dos séculos seguintes, os territórios ao redor da "Guiné Portuguesa" tornaram-se propriedades francesas e inglesas. Portugal satisfazia-se em permanecer na zona costeira e não reclamava as partes interiores. Apenas em 1880, quando as potências europeias começaram a partilhar o continente africano (1870, sob a arbitragem de presidente americano Ulysses Grant; 1885, conferência de Berlim; 1886, acordo franco-português; e em 1897), a Guiné-Bissau transformou-se numa colónia autónoma de Portugal.

2. Capítulo 1: História do povo BALANTA

2.1. Origem Do Povo BALANTA

Segundo relato dos mais velhos, o povo BALANTA/BRASSA, chegou a Guiné Bissau pela emigração vinda do Egito, Etiópia e Sudão, entre os séculos X e XIV, espalhando-se pelo território durante o século XIX. Procuravam escapar à expansão de outros reinos. Não só fugiam dos seus adversários, mas por outras razões, como aumento da população, espaços para cultivos e de pastagem dos gados (lugares adequados para a criação dos animais). Buscavam nova zonas, ou seja, as novas terras.

Os BALANTA/BRASSA - representam aproximadamente 30% da população e é o maior grupo étnico da Guiné-Bissau. Estão divididos em 6 gerações: Balanta de Quintoé, Balanta N'hacra (*BU-UNGE, DE AVE MIGRATÓRIA, UNGE*), Balanta Patche, Balanta Naga, balanta mané e Balanta Damé. Vou aqui focar duas grandes gerações, as dos QUINTOÉS E BALANTA NHACRA. Um velho, numa conversa, disse o seguinte:

Pode se considerar os Balantas de QUINTOÉ como a pedra basilar das outras gerações porque eles possuem um poder muito grande em relação as atividades ligadas à tradição, como as grandes manifestações *Quinsundeé, Cantapó (FBALAK) e fanado(FÓ)*.

2.2 Organização Política

A organização social do povo BALANTA/BRASSA é horizontal, diferencial de todos os outros grupos restantes do País. Todas as decisões saem dum conselho dos anciões, não existindo um chefe, ou seja, um régulo que vai comandar a aldeia. Essa forma de organização dificultou muitos os colonizadores em suas estratégias para os

dominar. Para um homem BALANTA se tornar membro de conselho dos anciões ele tem que passar por diferentes etapas da vida para lá chegar. Abordaremos isso mais adiante.

O nome dum povo é resultado de uma convivência com os outros. O termo BALANTA significa os revoltosos, os rebeldes, ou seja, os que não se submetem de nenhum jeito. Segundo Carreira, (em CARREIRA apud CAMMILLERI, 2010.p.15) o nome BALANTA já existia antes da chegada dos portugueses a GUINÉ BISSAU, e para ele o nome teve a sua origem na língua “MANDINGO”, que se exprimia EBALANTA. Fazendo a decomposição da palavra ficaria: E (eles), BALA (negar), NTA (morfema repetitivo) = eles continuam a negar, a recusar.

A esse nome foi dada uma outra conotação, com sentido negativo, pelo restante da população de GUINÉ BISSAU. Atualmente os termos BALANTA E BALANTA BRAVO são usadas como injúrias, menosprezo, como sinônimo de selvagens, atrasados.

OS BRASSA têm mantido um forte relacionamento com todas as etnias da GUINÉ BISSAU, mas principalmente os Papéis, Biafadas e Mandingas (BIMINDI), devido um fator histórico muito importante. CAMMILLERI (2010.p.15) nos traz uma síntese dessa história.

Atualmente a tabanca conhecida como DUGAL, que fica situada no Norte do país, na região de OIO, entre sector de NHACRA e MANSOA, a aproximadamente uns 50km da capital BISSAU, era chamada de NHACRA. Mas um caçador BIFADA (nome dum grupo étnico da Guiné-Bissau), da região de Quinara, resolveu ali ficar, uma vez que lhe acolheram bem e o terreno era propício para a caça e o cultivo. Com a sua instalação o lugar tomou o nome de DUGAL, que significa, na língua bifada, “hóspede”.

Em relação aos Papéis da Ilha Bissau, havia falta de alimentos/fome. As suas mulheres começaram a sair em busca de alimento e foram em direção a Nhacra, a procura de alimentos, chegando assim a aldeia de DUGAL. Com a abundância que ali havia, resolveram ficar e a aldeia começou a crescer em produção e população. Daí em diante tornou-se um grande centro de um povo. Os BRASSA passaram a chamar a Ilha dos Papéis de “BOTCHE NI BISSAU” - que significa terra dos papéis.

“Os BIMINDIS, povo vindo de longe, corresponde à etnia MANDINGA, descendentes por sua vez dos MANDÈ, do antigo império de MALI. São recordados na história como povo pastores e de guerreiros com forte tendência expansionista”. São vistos no seio dos BALANTA como irmãos e, por isso, se casam entre ambos e muitas vezes os BIMINDES praticam e participam das grandes cerimônias e das grandes festas,

como a CANTA PÓ, a KUSSUNDÉ e a FANADO (rituais de iniciação sobre os quais falaremos nos próximos capítulos).

Segundo CAMMILLERI, os três principais povos com os quais os BRASSA tem mantido um relacionamento de vizinhança muito forte são:

BIAFADA, é um vocabulário composto pelos seguintes elementos: BI, que deriva de MBI(singular), BWI (plural) que significa filho, gente. IAA, verbo (passado da forma passiva), derivado de IAA (fazer)= feito. FÁ, (substantivo)= PAI. DA (primeira pessoa do pronome pessoal) = EU, ME. Pode se concluir que BIAFADA significa: os filhos do meu Pai, os povos com os mesmos ancestrais. A decomposição da palavra BISSAU ficará o seguinte: BI da MBI(singular)= filho, da BWI (PLURAL)= gente. SAUA, (passado e passivo) = acabado, terminado. (CAMMILLERI, p.16)

Os Papéis são chamados de BISSAU, que significa, acabado, terminado, extintos, pelos BRASSA, pela simples razão de terem perdidos as suas mulheres, que é a única forma de manter viva as gerações.

2.3 Território ocupado pelos BALANTA

O povo BRASSA é um povo cuja base da alimentação é o arroz e o peixe. Por isso, ele sempre se encontra em zonas litorâneas, onde é mais conveniente esse tipo de agricultura e também a pesca. CAMMILLERI (2010) fez três divisões toponomásticas:

No território entre os rios Casamance e Cacheu, antigamente chamada de “BALANTACUNDA”, isto é, territórios dos BALANTAS, encontravam-se os seguintes grupos: Balanta Naga, Bajob, Canja e Binako. Os territórios de rio Cacheu e rio grande de Geba, chamado “Botche ni BRASSA” (terra dos Balantas, continua ainda hoje a ser ocupada por grupos Balantas, que por sua valentia eram chamados BRAVOS (kuntoé, Mané, Mansonca, Brasa). Os Balantas chamados BU-UNGE, DE AVE MIGRATÓRIA, UNGE, são os da diáspora, presente em Regiões: Quinara(centro), Tombalí (sul) e Biombo(Oeste) CAMMILLERI.p.18).

O povo BRASSA se encontra em quase todas as regiões do País, mas estes destaques são das regiões onde estão mais concentrados. Sem considerar o Sector Autônomo que é Bissau. Esse povo além de praticar a agricultura e a pesca artesanal, também são conhecidos como criadores de gados e dos porcos. As cabras são menos valorizadas por eles.

3. Capítulo 2: AS RITUAIS DE PASSAGEM: AS FASES DA VIDA DO POVO BALANTA

3.1. As Fases Masculinas

Na tradição BALANTA para ter um reconhecimento como HOMEM, ou seja, uma pessoa adulta com responsabilidades, deve se passar por diferentes etapas da vida, por diferentes momentos e esse período começa com a idade entre cinco e sete anos e termina aproximadamente entre 26 e 30 anos. Esse período é uma probabilidade, porque não são contados os anos para se declarar uma pessoa adulta. Dependerá sempre do grau de desenvolvimento da maturidade emocional e intelectual. Em relação ao período de formação da mulher, a do homem é mais curto. O período da mulher dura toda a vida. Disso falaremos adiante.

As fases são sete: BIDOKN NI NHARE/ PIDOKN BININ; NTHOK FÓS; NGWAC; NKUMAN; NGHAIÉ-NHÉSS; BLUFU NDAN E LANTE NDAN.

“As etapas de idade em uso entre os BRASSA não são todas idênticas mas variam no número e por vezes no conteúdo por motivo de adaptação e das experiências específicas de cada comunidade e isso diz respeito sobretudo aos de emigração”.

3.2. A primeira fase: BIDOK NI NHARE// Mbu (bidok thicli)



Bidokn ni ñare: Crianças da 1.ª fase etária responsáveis da manada.

Como começamos a mostrar, o período de formação para os homens começa entre os cinco e sete anos de idade. BIDOKN NI NHARE é a fase inicial, que vai até 12/13 anos. Nesse momento, são ainda crianças e não se envergonham de nada. Um dos símbolos dessa fase é que as crianças andam nuas e sempre com uma pequena vara na mão, chamada de (fbalak), que serve para a pastagem.

Na tradição BALANTA, os gados de todas as “MORANÇAS” (conjunto das casas que formam uma família nessa tradição disposto em forma de círculo, deixando espaço no centro onde as grandes cerimônias são realizadas, ao redor de um templo Zinho) que compõem a mesma “TABANCA” (“uma Tabanca é o conjunto de Moranças de diferentes Grandes Famílias, instaladas numa determinada Povoação, que tem, sempre, um nome próprio. Por exemplo: Nkom uma Povoação ou Tabanca localizada na Região de OIO norte do País. Uma Tabanca Balanta é constituída por um conjunto de várias famílias singulares, cujo elo de ligação consiste em terem uma ascendência comum”) sempre são juntados numa única manada para pastagem e os responsáveis para a pastagem são os BIDOKN NI NHARE/ BIDOK NI NHARE.

3.2.1. As Tarefas Dos Bidokn Ni Nhare

Todas as manhãs, por volta de sete a sete e trinta, os Bidokn Ni Nhare reúnem as vacas e as levam para um lugar de pastagem, que não deve ser fora do território da “tabanca”. Devem cuidar bem delas e não deixar que estraguem nada, os campos de cultivo, o arrozal, por exemplo; devem não deixar que elas sejam roubadas. Às 12h já voltam com a manada para a casa para lhes dar água. Eles aproveitam desse momento para o almoço e descanso. Depois, voltam para a pastagem e só regressam no final da tarde (kiidu kitcholé), quando todas as vacas devem estar de volta na casa de cada proprietário, num lugar específico, o curral de vaca (psannge).

Em toda essa fase, os Bidokn Ni Nhare são ensinados a ter responsabilidade e a compartilhar (a fraternidade). Quem não cumprir adequadamente as suas tarefas, por exemplo, deixar que se perca uma vaca, por preguiça ou negligencia, ou as deixando estragar as culturas, a ele é sancionada as vezes com umas surras na rabada. Ele até mesmo pode correr risco de não comer por um dia (jejum). Não lhes falta os momentos de brincadeiras e aproveitam esses momentos para caçar ratos, pombas. Quando matam ratos e pombas, eles são assados e comidos juntos com os outros. Sempre que vão a pastagem têm consigo um cachorro (BIT/ MBITNA, na língua Balanta).

Para os BALANTA, gados bovinos são sinais de riqueza. Geralmente não são usados para fins comerciais; são mais usadas nas cerimônias religiosas. Para um BRASSA, uma pessoa pode ser muito “pobre”, mas o seu funeral tem que ser honroso e ostentoso. No mínimo matam dois bovinos, com diferentes finalidades: a primeira é de acompanhar o seu espírito junto dos antepassados; a segunda é de consumir a carne coletivamente em sinal de agradecimento e de solidariedade aos demais que participam da cerimônia.

Esta maneira original de não destinar os bovinos a fins comerciais suscitou sempre críticas e juízos negativos por parte das autoridades públicas e de grupo necessitado que tem pouca oportunidade de consumir carne. Estas reações são bem conhecidas dos BRASSA que não estão ainda despostos a rever este tipo de utilização de gado bovino e que o considera um símbolo cultural, juntamente com o arroz. (CAMMILLERI. 2010. p.60).

Esta forma de não usar gados bovinos para os fins comerciais é uma das formas de preservação de alguns costumes tradicionais desse povo, porque para eles ser rico não é quem tem possibilidade econômica, mas sim com muitas vacas e campos de cultivo. Espero que isso mude um dia porque como a dita globalização e o capitalismo que invadiu o mundo, quem não tiver o dinheiro para resolver as necessidades básicas é igual uma pessoa morta.

3.3. A SEGUNDA FASE: NTHOK FÓS (ACENDER FÓSFORO)

Esta etapa da vida do homem BALANTA é a fase da adolescência. Ela está dividida em dois grupos: os NTCOH FÓS e os NGWAC. Na classe dos Nthok fós compreendem-se aqueles com idade de 14 a 16 anos. São distinguidas facilmente por algumas ornamentações corporais: as caixinhas de fósforos atados a cabeça e pequenas pérolas e espelhos nas suas calças ou calções.

3.3.1. AS SUAS ATRIBUIÇÕES:

São mensageiros dos anciões (levam as mensagens confidenciais). São responsáveis em comprar produtos para casa no mercado, como petróleo e fósforo, usados

para iluminar a casa à noite, ou tabaco para os anciões. Também buscam comida em casa, caso os trabalhadores não queiram voltar para comer em casa, preferindo ficar até a tarde nos arrozais ou outros lugares de cultivo. É nesta etapa que os jovens começam a aprender diferentes tarefas, como trabalho de arrozal, preparação das palhas para a cobertura da casa, pesca, etc. Geralmente os pais nessa fase dão para os filhos um pequeno arado (kibinde), com o qual começam a aprender e pôr em prática os conhecimentos do arrozal.

Cada uma das fases tem sempre um responsável escolhido pelos anciões ou pelos membros do grupo. No caso dos NTHOK FÓS, eles é que escolhem o dirigente do grupo e esse é respeitado por todos. Ele serve de elo de ligação entre os anciões e os demais do grupo. A sua escolha se baseia em critérios muito simples: para ser líder do grupo precisa apresentar uma boa postura física e intelectual, pois o líder é aquele que vai saber controlar os seus colegas e aplicar as sanções segundo a norma do grupo. As sanções corporais são poucas usadas, mas isso não quer dizer que não sejam usadas. “Elas são aplicadas em circunstâncias específicas, em substituições das funções dum colega doente ou em situações de desrespeito de um ancião”.

Essa fase permite aos adolescentes um bom momento de lazer, já que não são obrigados a realizar grandes tarefas e até são dispensados das tarefas domésticas, como cuidar das galinhas (NHEG), dos porcos (kumba) etc. Esta fase só dura dois anos. No final é convocada uma assembleia para a declaração do fim do período, como testemunha CAMMILLERI:

Ao final de dois anos, todos os NTHOK FÓS são convidados para uma assembleia comunitária onde o BLUFU NDAN (o chefe da 6º grupo) da aldeia declara terminado este período e introduzi-los oficialmente no grupo seguinte, o dos NGWAC. (CAMMILLERI, 2010. p.62.)

Depois dessa declaração começam as tarefas e as obrigações da outra fase, a terceira fase de desenvolvimento nessa tradição: a fase dos NGWAC.

3.4. TERCEIRA FASE: NGWAC

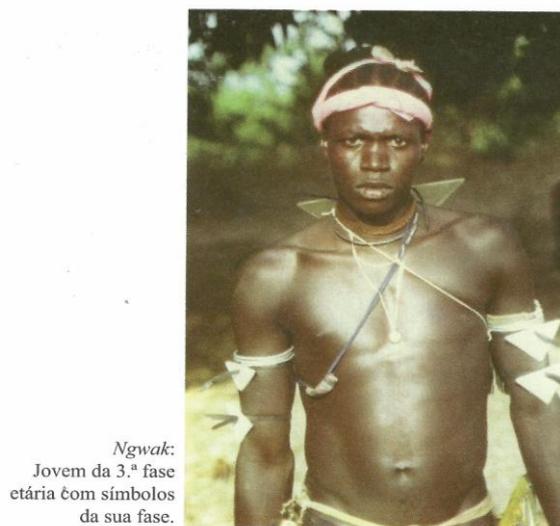


Figura 3: Ngwak. Jovem com símbolos da sua fase.p.94

A terceira fase é o segundo momento da adolescência, que vai de 16 a 19 anos. Os Ngwak são muitos habilidosos e fortes em termo da força física. Também são competentes em pensar sobre os diferentes assuntos da vida de aldeia. Devido a força física e a agilidade, são responsáveis por tarefas como a construção e navegação com canoas (psaé), sendo capazes de embarcar grande quantidade de arroz e animais numa canoa com dezenas de metros. Ele fica ao lado de LANTE NDAN nos serviços da casa e dos campos. Ele sempre traz consigo um símbolo de seu grupo, que é um triângulo, que representa uma elegância para ele. Em alguns casos alguns conseguem quebrar mosaicos brancos em forma de triângulo.

Esta é uma das fases mais decisivas na vida dum homem BALANTA, porque é ali que ele aprende ser autônomo. O que quer dizer que é a fase determinante do homem. Ele tem que afirmar as suas capacidades e ser determinado para conseguir isso. É preciso ter muito respeito pelos anciões e ser humilde. Se não, não será aquela pessoa que sonhava ser e nem tampouco ter grandes conhecimentos sobre a agricultura, a pesca e a caça (os

segredos em como fazer, de saber as melhores sementes). Sendo um bom jovem, os anciãos lhe ensinam tudo o que for necessário para a vida.

Eis um dos conhecimentos passado para os jovens: as diversas qualidades de arroz e o seu rendimento segundo as qualidades do terreno e a quantidade de água.

O FKONTO-é uma espécie de arroz de ciclo muito curto e de alta produção que se semeia em período de escassez de chuva. O kaolak- tem origem no Senegal, e de cor mais clara e é muito semeado pelos agricultores da GUINÉ BISSAU, ao contrário de THOM, O IAMBRAM, ATNA ANTAHA, OTHORI e o IAKA QWAME, são qualidades de sementes muito longo, tem caule muito robusto, precisam de muita água mas rendem muito por multiplicar os rebentos durante o enraizamento e o crescimento lento. A escolha de sementes apropriadas, a previsão da maior ou menor pluviosidade, o controle de grau de salinidade da água e do terreno de transplante, o conhecimento das pragas que podem afetar o normal desenvolvimento de arroz exige capacidades que se adquirem de um processo paciente e complicado da aprendizagem feita de ensinamento de inúmeros exercícios e de muita observação. (CAMMILLERI. 2010. , p.63)

São raras as sanções nesse grupo porque são muito duras. Além disso os NGWAC são muito mais tranquilos em comparação com as classes mais inferiores, os BIDOK NI NHARE, NTHOK FÓS.

3.5. QUARTA FASE: NKUMAN



Figura 4: Jovens de quarta fase NKUMAN

A quarta fase dura mais ou menos três (3) anos, que vai de 19 a 21 anos. Esta é a fase da resistência física e de sabedoria e tem como símbolo a tartaruga, em língua balança: NKUBUR. Como em todas as fases, os nkuuman também têm as suas tarefas específicas e são as principais forças motoras das lavouras. Ali mostram as suas habilidades em uma competição de velocidade e resistência.

As suas capacidade e forças são normalmente mostradas nas grandes cerimônias, tal como nos rituais fúnebres. São eles que sacrificam os gados bovinos. Mas nos momentos de sacrifícios, usam a corda só com a força dos braços e o “cutelo sacrificador” para matar o gado. Essa é uma das formas de mostrar as suas forças e capacidades em relação aos demais grupos. Durante esse período fazem longas viagens para ajudar outras famílias nas aldeias vizinhas ou que ficam nas terras mais longe, desde que exista um laço de amizade ou de parentesco com qualquer membro de grupo. Por exemplo, um dos

elementos do grupo quando o pai da sua futura esposa lhe pedir para fazer um trabalho no arrozal (bolanhas), ele comunica aos outros de imediato a tarefa é cumprida.

O grupo sempre tem um líder escolhido por BLUFU BINDAN (a última fase antes de se responsabilizar pela casa ou tornar-se HOMEM). Esse grupo é um grupo que apresenta uma força física invejável, assim como capacidades intelectuais. Com a força apresentada, muitos entendem que ali sempre há disputa de poder, sobretudo para mostrar essas capacidades. Contudo, de modo geral, eles são mais tranquilos e humildes.

Para um jovem BALANTA subir as etapas representa prosperidade. Por isso muitos até querem mudar antes do tempo para as fases seguintes, porque isso confere sempre algum privilégio em relação aos seus colegas.

3.6. A QUINTA FASE: NGHAIÉ- NGHEE



Figura 5: Fonte Julio A.Té, jovens N'ghaies

A fase de NGHAIÉ é aquela que vai normalmente de 21 a 25 anos, mas, na maioria das vezes, não chega aos 25 anos. Nessa fase, os homens estão sempre juntos: tomam refeições atrás da casa (kufé) e vivem juntos numa casa reservada para eles. As suas marcas são simples de reconhecer. Suas formas de se comportar e de estar no meio do povo é diferente dos outros. Eles são mais quentes, o que quer dizer irrequietos. Cobrem o corpo com lama branca ou até mesmo farinha de mandioca. Sempre têm consigo as ditas “barcafons de NGHAIÉ”, que é constituída de palhas de palmeiras. Outras marcas que eles trazem são grandes argolas nos pescoços, nos braços e nos pés. Para chamar atenção do povo, sempre tocam um corno de búfalo (fitem ni nghaié). Esse serve como meio de comunicação entre eles. São conhecidos como grandes comedores, o que, na verdade, são de fato.

O “Barcafons de NGHAIÉ” é bem construído. Tem compartimento que é só para reservar a comida para as longas viagens e outra para os utensílios, como faca, colher,

copo etc. Esse barcafon leva de tudo. São inúmeras as coisas ali dentro. Segundo a tradição oral, a lama branca que eles usam é medicinal, uma vez que é usada tal como o gesso quando alguém parte braço ou perna.

Os NGHAIÉS têm as tarefas específicas. Eles são considerados trabalhadores de primeira classe segundo a tradição BALANTA. Por isso são reservadas as tarefas mais difíceis, como a construção da casa desde primeiro processo, a preparação dos blocos (dobe), a limpeza de terreno e a construção da casa. São deixadas as bolinhas (arrozais) mais difíceis de cultivar para eles.

Geralmente são muitos engraçados. São bem separados da família, principalmente das mulheres. Fazem todas as suas coisas longe das pessoas. Quando querem falar com a comunidade, lançam recados. Por exemplo, alertam as pessoas para criarem mecanismos de prevenção das epidemias que sempre são verificados na época chuvosa. Uma das expressões que sempre usam é essa: “fieré wo ku bnim mal”, que quer dizer alguma coisa de mal esta acontecendo: “o mal está passando na tabanca”.

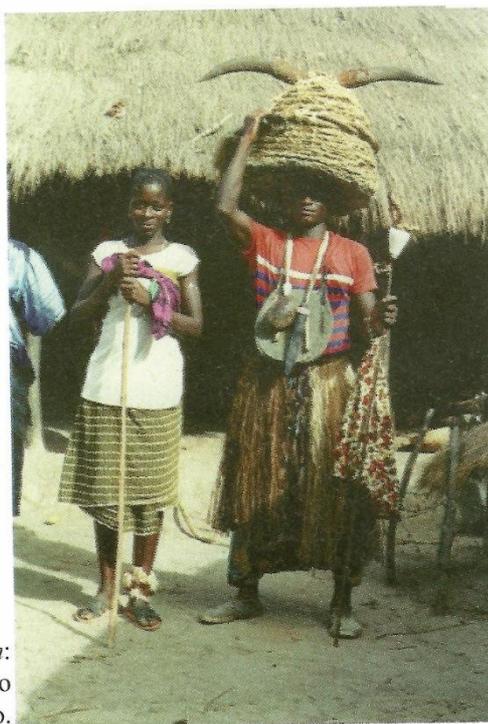
Entre o segundo e o terceiro ano, o NGHAIÉ passa por um ritual que se chama NHESS, como testemuha o CAMMILLERI:

Depois de dois anos os NGAIÉS são convocados para uma assembleia na qual recebem orientações sobre a maneira de enfrentar a vida conjugal e as suas consequências. A seguir a cada jovem é feito banho ritual na água do rio ou da fonte próximo da aldeia. A este banho e aos rituais complementares chamam-se NGHEES (ritos de iniciação sexual) e assume uma certa solenidade junto de muitos grupos BRASSA quer da zona de origem (OIO) quer da zona de emigração como acontece na zona de CATÍO, mas noutras, como a por nós estudada, são reduzidos ao mínimo e é por isso que aqui os BLUFU NDAN continuam a ser chamados NGHAIÉ. A partir desse momento os jovens podem ter relações sexuais ou casar de maneira ainda não oficial porque o reconhecimento público de casamento só poderá ser feito depois de a cerimônia da circuncisão. No entanto, NGHAIÉ, a sua mulher e os filhos dele ficam sob a tutela paterna que é a do chefe da família alargada (CAMMILLERI, 2010, p.67).

A fase de Nghaié, como já tínhamos dito, ela tira o jovem da sua vida privada e individual e o introduz na vida coletiva e comunitária. Não existe o pronome possessivo na primeira e na segunda pessoa, o meu e o teu, mas sim, na primeira pessoa de plural, o

nosso. O nosso, nesse sentido, resume tudo o que vão fazendo durante toda a vida de NGHAIÉ. Segundo os velhos, é a fase onde tudo é permitido. Tudo o que eles estão fazendo são vistos como brincadeira, não têm nada de compromisso sério, a não ser o cumprimento das suas tarefas. São mesmo exigidos que brinquem, porque depois dessa fase já começa as pequenas responsabilidades em relação as outras fases e até na casa com os pais. Depois de NGHAIÉ passa-se para BLUFU NDAN, candidato direto para a cerimônia de fanado, que é tanto esperado por todos.

3.7. SEXTA FASE: BLUFU NDAN



Blufu ndan:
Candidato à circuncisão
com traje completo.

Figura 6: Blufu ndan: Candidato à circuncisão com traje completo.

“BULUFU NDAN/ THUN” é a fase que vai de 25 a 30 anos. O termo bulufu ndan é usado para denominar os jovens que estão já na fase final da formação, segundo a tradição BALANTA”.

Antes, contudo, tentaremos analisar o termo bulufu, no seu sentido mais amplo e profundo. Segundo CAMMILLERI(2010), o termo bulufu, usado pelos Brassa para

designar os jovens durante toda o período de formação prevista pela tradição, é composto por B- morfema pronominal plural (eles) e- lufu do verbo lufa, que significa PILAR. Enquanto que para pilar arroz utiliza-se o verbo RUNGHÁ, para pilar ervas e substâncias medicinais utiliza-se LUFA que indica a transformação em massa.

Na verdade, o Blufo Ndam é visto como quem não sabe nada e precisa aprender. Por isso é exigido dele muita obediência aos mais velhos, os que sabem e entendem o sentido da vida. O bulufu é perdoado por tudo porque, para a sociedade, ele ainda não sabe o que fazer, está em fase de crescimento.

A fase de BULUFU NDAN é onde os jovens já começam a gozar de certas liberdades em relação a algumas cerimônias da tradição, assim como em casa com os anciões. Eles são o ponto que liga os anciões às outras classes mais baixas. Eles são os candidatos diretos para os rituais da iniciação. O grande momento esperado por todos, porque depois dessa cerimonia já se consideram e são considerados homens; homens maduros, capazes de resolver os grandes conflitos a nível da família, assim como na aldeia.

3.7.1. As Tarefas

Primeiramente os Bulufu Ndan são o elo de ligação entre anciões e outras fases etárias. Servem de apaziguadores dos conflitos existentes nesses grupos e para dar conselhos. São eles também os responsáveis pela preparação das palhas dos telhados das casas antes da chuva. Um trabalho que é feito todo ano. São responsáveis pela caça dos animais de grande porte, como gazelas, macacos, etc. Sempre devem estar ao lado de LANTE NDAM, dos chefes das famílias nos trabalhos, fazendo a renovação dos diques dos arrozais, e são substitutos diretos dos chefes das famílias nos conselhos dos anciões. É de recordar que sistema político social dos BALANTA não tem um chefe supremo, como um REGULO, a quem todos os membros da aldeia devem respeito e a obediência,

como acontece com outras etnias da GUINÉ BISSAU. Por exemplo, os MANJACOS, MANCANHAS e PAPEIS.

Entretanto, o BULUFU NDAN, com todas essas atribuições dadas a eles, segundo a tradição, são considerados menores, porque só se pode considerar adulto depois de fanado (ser iniciado). Os BULUFU NDAN geralmente têm a mulher e filhos na casa, numa convivência conjugal. Os filhos e a mulher não estão sob sua tutela, porque são considerados ainda como imaturos. Os filhos pertencem aos chefes das famílias, só depois da grande cerimônia que os filhos e mulheres são reconhecidos oficialmente como deles. Essa cerimônia lhes dá o direito e a legitimidade e todos os poderes dum chefe de família, ou seja, uma autoridade.

3.8. SÉTIMA FASE: LANTE NDAN



Lambe: Grupo de “homens completos” recém circuncidados.

Figura 7: Lambe: Grupo de “homens completos” recém circuncidados.

Esta é a fase que vai de 27 a 30 anos; 30 anos se houver alguns atrasos ou reprovações do candidato por causa de mau comportamento. É topo dos topos na formação, segundo a tradição BALANTA, que vai para toda a vida. A partir daí já é o “dono do seu nariz”. Desse ponto em diante se volta para a sua família e se dedica a mantê-la. Como dissemos no início, não se chama alguém de LANTE NDAN de qualquer jeito, mas sim é uma conquista e que hoje muita das vezes se usa para mostrar que alguém é grande homem, sobretudo a camada juvenil, da qual faço parte, e que não entendamos o sentido original da palavra e a razão do seu uso. É como se fosse o termo DOUTOR, que é um título conquistado por mérito, mas que agora, mesmo um licenciado, se chama de DOUTOR.

4. AS ETAPAS DE FORMAÇÃO FEMININA NA TRADIÇÃO BALANTA.

4.1 A FORMAÇÃO FEMININA NA TRADIÇÃO BALANTA.

Tal como existem as fases de formação dos homens na tradição balanta, existem também as das mulheres. Durante a formação passam por seis fases. Mas, o tempo de formação das mulheres é contínuo, por toda a vida, iniciando logo depois de nascer até a sua morte. Não tem um período limitado, como dos homens, que depois dos rituais de iniciação já é considerado adulto e responsável. As seis fases são denominadas da seguinte maneira: MBI FULA USSONH; MBI FULA UN DAN; IEGLE; THATE; SADE e ANIN NDOLO/ ANIN ANDAN.

Segundo CAMMILLERI (2010.p.45), a palavra “FULA”, geralmente significa osso vivo (osso em crescimento), pois quem está nessa fase está em crescimento. Se distingue a mulher mais nova da mais velha pelos seguintes termos: USSONH=PEQUENO/A, NOVO/A e UN DAN=MADURO/A, MAIS VELHO/A.

4.2 . PRIMEIRA FASE DE FORMAÇÃO FEMININA: MBI FULA USSONH



Nbwi fula usonh: Trabalho doméstico das meninas na 1.ª fase etária.

Figura 8: Nbwi fula usonh: Trabalho doméstico das meninas na 1ª fase etária.

Esta fase pode se dizer que é a fase de bebê, fase em que a educação depende de toda a família, não resumida só à mãe. O que quer dizer a criança não tem tutela específica. É nessa fase que a criança começa a aprender as línguas e a imitar as tarefas das mais velhas: varrer a casa, saber cumprimentar e pedir alguma coisa. As formas de cumprimentar nessa tradição variam de como ou de momento em que a pessoa está. Por exemplo, quando alguém estiver sentado, se diz: A MESSE (quer dizer estás sentado), se ele estiver trabalhando é UM SIF/ KISSIF (estás trabalhando) etc., que é muito diferente de mundo se saudar dos *EUROPEUS*, que se cumprimentam conforme o período do dia (bom dia, boa tarde e boa noite).

Nessa fase não é aconselhável bater na criança com as mãos. Mesmo se a mãe perder a paciência, ela deve procurar um chicotinho para lhe dar umas palmadas. Com a mão diretamente não se pode e nem se deve bater. Esse período começa com um ritual em que a mãe faz para a tirar a filha da mama (deixar de mamar leite materno). Ela já entra automaticamente na fase, que dura até aproximadamente uns oito ou nove anos. Depois passa-se para a fase de FULA NDAM.

4.3. SEGUNDA FASE: FULA NDAN



Nbwi fula ndan: Trabalhos agrícolas das raparigas na 2.ª fase etária.

Figura 9: *Nbwi fula ndan*: Trabalhos agrícolas das meninas na 2ª fase etária.

Os membros de referido grupo possuem de 10 a 15 anos de idade. São já um pouco mais maduras em relação as meninas da fase MBI FULA USSONH. Fisicamente e

mentalmente são mais preparadas. Para os BALANTAS, normalmente nessa fase a criança já não pode ficar na casa do pai, viver como a mãe por perto. Qualquer comportamento que a criança eventualmente vier a adquirir, a responsabilidade cairá nas costas da mãe.

Para evitar que as meninas se perdem demasiadas às mães e para exprimir a ideia dos vários laços de parentesco e de sociabilidade na família alargada, a responsabilidade direta da mãe é transferida para a MESTRA e CONSELHEIRA(RAAGMA). Os Brassa estão convencidos que se a mãe não se separar da filha e está por acaso se tornar excessivamente caprichosa e extravagante, a culpa recairá sobre a mãe que será considerada demasiada possessiva. (CAMMILLERI, 2010. p.47).

Discretamente os anciões seguem o grupo. Acompanham de perto as suas atividades, dando conselhos sobre como lidar com o próximo e as regras do grupo. As mestras têm funções de ajudar as crianças no seu crescimento e em todo domínio da vida, preparando-as para serem as futuras esposas. As FULA NDAN tornam-se membros de uma nova família depois de aceitar casar-se com um dos elementos da família onde a mestra está como dona da casa. Mas geralmente é difícil que as FULA NDAN recusem o casamento, porque para os BALANTAS o casamento é uma aliança entre o homem e a mulher, mas principalmente entre as famílias da mulher e do marido, que transformam num laço eterno, mesmo que os dois se separem, pois o respeito e o carinho nas formas de tratamento continuam.

Falaremos no capítulo seguinte sobre o casamento e os rituais dessa cerimônia que toda e qualquer mulher BALANTA deseja, porque lhe dá respeito e regalias na comunidade, assim como para os seus pais.

4.4 A TERCEIRA FASE: IEGLE

Para os homens, a passagem de fase de puberdade para a fase adulta dá-se com a cerimônia de fanado (ritual de iniciação), mas para as mulheres é o casamento (kuassa/kpal). É a fase mais importante na vida duma mulher desse grupo étnico. Quando uma mulher entra nessa fase ela é reconhecida como mulher, mas não uma mulher ainda formada. Contudo, é dado a ela o respeito de uma mulher já formada. Se por acaso ela morrer nessa fase, os rituais fúnebres serão os mesmos aos dados a uma mulher velha. O seu enterro é honrado por toda aldeia.

A ela compete alguns serviços da casa, dos arrozais e dos campos, como, por exemplo, preparar comida para os trabalhadores, receber e tratar bem os hóspedes e cuidar bem da casa sob tutela da SADE. Falaremos sobre o processo de casamento mais à frente, num capítulo onde só abordarei sobre as grandes manifestações culturais.

4.5 A QUARTA FASE: THATA

É a fase que, segundo a tradição BALANTA, IEGLI tem por direito efetuar uma viagem por terras distantes, por diversos motivos. Por exemplo, visitar os parentes, ir aos santuários, etc. Essa fase começa depois do nascimento de segundo filho. Esse direito ninguém pode tirar dela. Depois da viagem ela reassume as suas tarefas de casa.

4.5.1 AS TAREFAS

Nessa fase a mulher se responsabiliza de tudo em casa, apesar de não ser considerada uma mulher adulta. Auxiliar o marido nos trabalhos de campo, fazer pesca, trocar produtos de casa, como arroz, milho e feijão etc. A ela são atribuídas essas tarefas, devido a sua força física e as grandes capacidades técnicas, bem como pelo amor à vida da “tabanca”, a vida comunitária. Para ela o mais importante é a felicidade dos demais membros da “MORANÇA”. Por exemplo, ela preferiria morrer numa situação de vida e

morte, desde que os outros vivessem em paz. Uma das responsabilidades de THATA é de manter as gerações. Os BRASSA acreditam que o sangue menstrual é sagrado, por isso, THATA é intocável e muito temida, já que é capaz de fazer estrago na família quando bem entender.

Nas tradições africanas não existem os hospitais típicos dos ocidentais (hospitais modernos com todos equipamentos de alta tecnologia). Os BALANTA também não estão fora disso. Só possuem “médicos tradicionais”, os curandeiros/as, adivinhos/as, que podemos denominar de pais e mães de santos aqui no Brasil, das religiões de matriz africanas.

As THATAS são responsáveis pelas consultas junto dos adivinhos/as que são chamados de ASSIGUE (singular) BISSIGUE (plural), na língua BALANTA, e a consulta se chama de “KIBELE NI SIGUE/ KIBELE UNSIGUE” - cabaça de sorte. Ela leva a criança doente nas costas para a consulta. Caso seja um velho que porventura não consiga andar, ele fica deitado e a THATA vai fazer o que é necessário. Quando ela estiver a caminho começa a fazer algumas invocações como: NGHALA (o todo poderoso), que a abre o caminho, ela está de coração aberto e de mãos limpas.

Eis algumas expressões segundo o CAMMILLERI:

NGHALA IABNHI PSINA, NGHALA IABNHI PSINA (o todo poderoso= DEUS, abra-me o caminho); NGHALA IAB NHINI BFUTN NDAN (TODO PODEROSO= DEUS abra-me a porta grande); NHI IAB KTCHIF, NKA BINA (eu venho de mãos abertas, estou a caminho); KCHIF DA NHANI, MBIDA URAHE (as minhas mãos são puras, o meu filho está doente); NUMNATÉ BIMA KEDNA (eu o trago aqui para te apresentar). A THATA encontra-se no centro da família e garante a sua continuidade em gerar filhos/as para a família. Apesar de tudo ela ainda não é considerada como uma mulher completa e madura, por isso, não toma parte na vida política da aldeia. Só entra na vida política da aldeia quando passar para a fase seguinte a de SADE, que abordaremos logo. (CAMMILLERI,2010. p.52).

4.6. A QUINTA FASE: SADE

As THATAS passam-se para essa fase nos finais do período de fecundação, ou seja, quando inicia a menopausa. A THATA passa a ser reconhecida como SADE, a fase de comando. A SADE orienta a THATA em toda a vida da família. THATA não pode e nem deve fazer algo sem consultar a SADE ou sem a sua prévia autorização. Se não, ela é tomada de desobediente, desonesta.

Como já mostramos, nas tradições africanas não existem hospitais modernos. Na tradição BALANTA, geralmente as SADES são as curandeiras, advinhas. A elas pertencem as funções das grandes importâncias simbólicas, com receber os espíritos, vigiar as crianças (CAMMILLERI, 2010.p.53).

São fáceis de identificar as SADAS, porque vestem saias compridas e sempre andam com um bastão com três pontas, adornado com uns fios coloridos. Nessa fase já se encontram metidas na vida política da aldeia e até, em alguns casos, quando o conselho dos anciões deliberar uma lei que vai fazer com que as mulheres sofram mais, elas atuam em defesa das mulheres. Deve-se lembrar que, nessa sociedade, as “SADES” também têm o seu conselho onde discutem a vida da comunidade.

Para um homem BALANTA, ele prefere morrer do que passar a vergonha (KUDUTAR). Envergonhar-se significa perder a dignidade, o que quer dizer que mesmo alguém que não teria coragem de fazer pouco de você, no momento de vergonha, o fará. Para isso as SADAS usam todas as suas influências para desqualificar os anciãos. Como ninguém quer se envergonhar, e ficar com má reputação, os anciãos resolvem deixar de fazer braço de ferro com elas. Repito, não têm força física para enfrentar os homens, mas a força que possuem é mil vezes do que a coerção física. Possuem poder da fala (poder da palavra). Segundo um ditado popular, a fala é como um palito de fósforo, que pode queimar uma mata por completo. Com a fala constrói e também destrói, por isso, na tradição africana, assim como na dos BALANTA, ela é sagrada.



Anin sade: Preparação do sal.

Figura 10: Anin Sade: Preparação do sal.p.92.

SADE é responsável em ajudar fazer novas alianças matrimoniais para o marido, facilitando a vida de IEGLE. Quando isso for o caso, a nova IEGLE fica com as mais duras tarefas de casa, descansando a outra IEGLE. Sem esquecer que a tradição BALANTA permite ao homem ter mais de uma mulher, porque, para ele, mais mulheres significa possibilidade de ter mais filhos e mais mão de obra, o que implica a maior produção para melhor garantir a subsistência familiar.

4.7 A SEXTA E ULTIMA FASE: ANIN NDOLO/ ANIN NDAN



Anin ndolo: Actividade da mulher anciã.

Figura 11: Anin Ndolo: Actividade da mulher anciã.p.93

Esta é a fase das anciãs. Quando a SADE começa já não dando conta das suas tarefas, por falta de força física, e lhe falta condições adequadas para as suas atribuições, ela entra automaticamente na fase de ANIN NDAN/ ANIN NDOLO, que quer dizer a mulher mais velha ou anciã. Para muitas pessoas SADE é ANIN NDOLO, mas, o que as distingue é a força física. SADE possui força e muita energia, enquanto que ANIN NDOLO não. Ela é temida, respeitada e amada por todos por causa das enormes experiências de vida acumulada. Serve de conselheira para tratar de graves problemas na aldeia, principalmente entre os cônjuges. Antes da tomada das últimas decisões, ela é consultada. Digo que é temida porque a sua palavra é muito influente, tanto para jovens assim como nos mais velhos.

Apesar do sistema social dos BALANTA permitir ao homem casar-se com muitas mulheres (poligamia), à primeira mulher, que mais tarde se torna em ANIN NDOLO, é reservado um espaço especial, de prestar cuidados ao marido nos momentos mais difíceis, até mesmo na morte. Mesmo estando divorciada, ela tem por obrigação de fazer alguns rituais, e vice-versa.

Quando, porém, o seu marido adoece gravemente, a primeira ANIN NDOLO deve ser avisada para o poder visitar e fazer a ele determinadas cerimónias. Este dever de presença e de reconforto torna-se uma obrigação quando o marido morre; é obrigada a participar no enterro do marido mesmo que, por hipótese, esteja na mesma altura ocupada no funeral do pai. Compete-lhe só a ela prestar os cuidados previstos no cerimonial fúnebre, isto é, trazer água da fonte mais próxima da zona onde se encontra os arrozais do marido, lavar o

corpo do defunto, enxugá-lo e enrolá-lo no lençol branco (NHOMI HI), que usou no dia de casamento, colocar junto de defunto um bracelete (finhengele) e abre os cortes que acompanha o defunto à sepultura, seguida imediatamente pelas outras esposas e finalmente pelos familiares mais próximos (CAMMILLERI, 2010, p.55).

A morte de ANIN NDOLO é uma festa, porque acreditam na vida além morte, ou seja, a morte é uma viagem. É celebrada com uns rituais reservados aos anciões. Esse ritual é a festa de regresso, a volta para junto dos ancestrais. O ritual, por outro lado, é um pedido aos antepassados que a recebam com muito carinho. Na morte de um ancião se comemora a vitória, porque cumpriu-se as suas tarefas. Também acreditam ter conseguido mais um protetor, um mediador entre o mundo dos vivos e dos que já foram.

5. CAPITULO 04: A RELIGIOSIDADE E A VISÃO DO MUNDO NA CONCEPÇÃO BALANTA

5.1. A Visão do Mundo na Concepção Africana (Balanta)

A visão africana do mundo, é uma maneira ímpar de ver o mundo, de entender as coisas. Ela é uma forma diferente de analisar o planeta. No mundo africano tudo está interligado, tanto no mundo visível assim como no invisível, o mundo de espíritos (dos ancestrais). Para um africano o culto aos ancestrais é um fator muito importante, porque, a toda hora, os ancestrais estão presentes nas suas vidas. A finalidade da existência do homem, na cosmovisão africana, está estabelecida no desejo do homem, nas suas aspirações mais sublimes. Alguns homens dão sentido à sua existência, orientados pelas suas riquezas simbólicas, da sua família e pelas suas qualidades hereditárias, pelo poder religioso, acompanhados pelas doutrinas mitológicas e filosóficas. Mas na cultura africana existe um parentesco original entre o homem e a natureza. Um dos fundamentos da arte de viver do africano é a participação ou a comunhão profunda com a natureza (Domingos, 2011.p.2).

A cultura africana pode nos ajudar, ou seja, nos dá um conhecimento em como viver relações do próprio homem com a natureza. Não a relação do homem como dominador ou conquistador da natureza como se verifica no mundo ocidental, mas sim é

um relacionamento de respeito mútuo, relacionamento recíproco com a finalidade de manter o equilíbrio de harmonia com o universo. A desintegração com a natureza constitui um obstáculo para o homem africano no seu desenvolvimento integral.

Parar um Balanta viver isolado é igual a quem está. “O africano vive em harmonia com os vivos e os mortos (os que partiram). Ali entra a sua religião, que é tida pelos europeus como *coisas do demônio*, a religião tradicional africana, que tem por finalidade manter relações com os ancestrais, as entidades existentes na natureza, os orixás. (DOMINGOS, 2011.p.3). Para um homem europeu, a concepção de tempo e espaço é muito diferente em comparação com a de um homem africano(BALANTA),porque o tempo é um siculo. Abordarei sobre o tempo e espaço a frente.

5.2. A PALAVRA NA CULTURA BALANTA

Na concepção africana, em particular Guineense, e em especial dos “BALANTA”, a palavra é tudo. Porque se dá muita importância à oralidade? Por um simples facto de que a escrita é muito desconhecida ali. Nas sociedades africanas as importantes cerimônias se realizam na base da palavra. A palavra é considerada o foco de tudo nessa cultura. Segundo Hampate Ba (2010, p.168 apud DOMINGOS), a dignidade do homem na cultura africana está ligada à sua palavra.

O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra. (Hampate Ba2010, apud DOMINGOS, 2011.p.12).

Na cultura yuruba a palavra é o poder, é a fonte de toda vida: a palavra tem a origem no Ashé. O *ashé ou Axé*, que se traduz como poder, no português, é o conceito que designa o dinamismo do ser e a vitalidade da vida. Para a linguística dos povos africanos Bantos, *Ashé* é concebido como *Nhtu, força vital*. (TEMPELS, 1965; JAHN, 1961 apud DOMINGOS, 2011.p.13). O Ashé é também definido como o poder do ancestral/orixá que teria, após sua viagem (morte), a faculdade de se manifestar, momentaneamente, em um de seus descendentes, durante um fenómeno de possessão por ele provocado. O Ashé é força, estado de energia pura, fonte criativa de tudo que é. E é o

princípio nos seres, o poder de ser, enfim, tal como a tradução “canônica”, é *Palavra criativa* ou *Logos*.

Ashé, portanto, pode ser compreendido como o princípio inegável no universo e nos humanos, ou como a racionalidade em si mesma. O *ashé* é o princípio que confere a cada ser, sobretudo ao ser humano, a sua identidade e o seu destino, *Ori* ou *akara-aka* na língua Yoruba ou Igbo. Para os Yoruba o ser humano possui três elementos: *ara* (corpo), *emi* (alma) e *ori* (cabeça inata) que é responsável pelo destino do homem. *Ori* ou *akara*, considerado como destino, define o caráter individual da pessoa. É sentido de ser no projeto existencial, o qual provém da dimensão espiritual e racional do ser humano. (DOMINGOS, 2011.p.13-14).

Segundo a cultura “BALANTA” a palavra é como se fosse um palito de fósforo que pode queimar uma mata/floresta. Ela pode construir uma boa família, também pode destruí-la num só segundo. Por isso ela vale mais que tudo nessa vida. Todo o tratamento, ou seja, a cura por parte dos médicos tradicionais (ASSIGUÊ, YANGUIYANGUI etc.), se faz na base das “palavras sagradas”. O médico tradicional africano é o especialista na reconstituição de relações entre o mundo visível e o invisível, o mundo dos espíritos. “ASSIGUÊ, YANGUIYANGUI” são as pessoas especializadas em diferentes domínios da vida dos homens (Curandeiros), que sabem como fazer um homem africano restaurar a sua vida com os seus ancestrais (os que foram).

Na cultura Banto e Yorubas, os médicos tradicionais são “experts” em matérias do mundo mágico-religioso africano. Acredita-se terem eles recebido dons espirituais particulares e especiais. (JULES-ROSETTE, 1981, p.129; GELFAND et al,1985, p.3, apud DOMINGOS, 2011.p.9).

O ASSIGUÊ, YANGUIYANGUI (MÉDICO TRADICIONAL) é especializado em vários aspectos da vida, (como manter o equilíbrio da vida, o mau-olhado etc.) e ele é principal responsável pela mediação entre o mundo dos vivos e dos mortos, como nos relata Domingos:

Pode se especializar nos diferentes domínios do corpo, na sua dimensão física, incluindo a cura espiritual. O médico tradicional africano é detentor dos “saberes endógenos”, não conhece apenas o visível, mas também o do mundo dos espíritos. Os vivos estão em estreita relação com os defuntos, os mortos-vivos, as ancestrais e diversas divindades da natureza e diversas entidades espirituais. Não se trata apenas de conhecer o corpo humano e suas aparências físicas, mas de ter percepção e sensibilidade do mundo invisível; na qual o simbolismo de diversos ritos e rituais, as práticas de adivinhação, a arte de magia, a crença na feitiçaria,

etc. E todos os rituais mágico-religiosos no processo de cura começam com reverência e a permissão de *Legba*, a entidade divina, símbolo de criação, o princípio de ordem e desordem no mundo, o mensageiro. Portanto, para a cultura africana, ao lado do visível e aparente das coisas, corresponde sempre um aspecto invisível, escondido. E o conhecimento é global, um conhecimento integrado e dinâmico que não faz a negligência da percepção de sensibilidade. (DOMINGOS, 2011.p.9).

A medicina tradicional africana está profundamente ligada à religiosidade africana e repousa sobre a conduta existencial do *munthu*, ser humano. A medicina tradicional tem como base o saber e um saber-fazer particular, e não se limita apenas à intuição. As sociedades africanas jamais são aquilo que parecem ser ou o que pretendem ser, elas se exprimem em dois níveis pelo menos: um, superficial, apresenta as estruturas ‘oficiais’. O outro, profundo, abre o acesso às relações reais mais fundamentais e às práticas reveladoras da dinâmica do sistema social. (DOMINGOS.p.18)

5.3. A RELAÇÃO DO HOMEM ÁFRICANO (BALANTA) COM O “NGHALA”

A tradição religiosa africana tem o seu ponto culminante na relação fundamental entre Deus, o homem, a natureza, que se revela na visão unificada do mundo. E essa cosmovisão se apresenta como uma concepção integrada do universo, da vida e do homem, uma totalidade coerente que continua a fornecer o fundamento do pensamento filosófico e religioso dos povos africanos. Assim, as visões “étnicas” demonstram na África a existência do mundo, não apenas como realidade objetiva e material ou imaterial, mas também como conceito: *Wase* (Duala), *adbemë* (Mina), *Dunia* (Malinké-Bambara), *Man* (Agni-Baoulé), *gbamladodo* (Dida). (DMINGOS, 2011.p.2).

O homem BALANTA, assim como qualquer africano, tem sua vida bem ligada à natureza. Na sua visão, tudo está ligado com a natureza. A força vital de toda sociedade. Para ele a natureza é fonte de toda vida. Na sua concepção, Deus (N’GHALA- O SER SUPREMO) é o todo poderoso criador do céu e da terra, dono de toda força, tanto do bem

quanto do mal. Mas só que a denominação de Deus na África varia de etnia para etnia, e de região para região, em especial na GUINÉ-BISSAU.

Ele, Deus [Mulungu, Nzambi, Olorulum, etc.] é grande o Munthu, a pessoa grande, quer dizer, a grande força viva(...) o Sábio que domina todas as coisas e conhece a essência de todo ser, que sonda a matéria e a natureza de todas as forças na sua profundidade. Ele é a força que possui para ele mesmo a energia criadora e que faz surgir todas as outras forças” (TEMPELS,1965 :28,39 apud DOMINGOS.P.3).

Para um homem BALANTA a religião é uma forma de se estar mais ligado aos seus antepassados (os ancestrais). Lembrando que nessa tradição os mortos fazem parte da família, assim como os que ainda não nasceram. Com a religião consegue-se se manter a ligação direta com o ser supremo (NGHALA=DEUS) e os ancestrais. Na cultura BALANTA quem da família não pratica os cultos aos ancestrais é considerado como uma pessoa morta, quer dizer que não existe. Para eles, o culto ao ser supremo (NGHALA) é indispensável para sua sobrevivência.

Segundo Domingos(2011), a cultura Africana pode nos ajudar a conceber e viver as relações do homem com a natureza para que não sejam puramente relações técnicas, mas estéticas; não relações do homem conquistador da natureza; mas sim relações de respeito recíproco, de participação e de complementaridade. E esta forma de relação íntima tem como finalidade realizar e manter um equilíbrio harmonioso entre homem e o universo. A desintegração, a separação com a Natureza constituiu para o homem africano o obstáculo do desenvolvimento integral do *munthu*, Ser Humano. O homem participa e faz parte da grande família que compreende os ancestrais, os vivos e os que hão de vir no tempo potencial. É a “participação” total da vida humana no tempo e espaço. Na África, qualquer que seja a estrutura familiar - geralmente estendida e complexa - e qualquer que seja a sua condição social, mesmo em profunda transformação, é a família que continua a ser a base do indivíduo e constitui o refúgio de cada pessoa diante de situações adversas da vida. (DOMINGOS, 2011.p.2-3).

5.4. O QUE SERIA O TEMPO PARA UM HOMEM BALANTA?

O tempo para um homem Balanta não é como para um homem Europeu, que compreende passado, presente e o futuro, mas sim tempo é um ciclo que se marca com os acontecimentos, as grandes festas (KUSSUNDÉ, FBALA/KANTA PÓ etc.). Na construção do mundo africano, o tempo é o lugar onde o homem age sem parar na sua luta contra o enfraquecimento e para o desenvolvimento e fortalecimento da sua *energia vital*. Cada coisa tem o seu espaço e seu tempo. Quando se respeita este princípio, se reforça seu ser: ele pode enfrentar o tempo descontínuo e viver plenamente dentro de toda diversidade na natureza. Enquanto ordem, o tempo é a fórmula abstrata de mudanças do Universo. Como tal, o “progresso”, “evolução”, é ainda o tempo: Tempo do futuro, tempo que está à frente, marcado pelas intenções do presente e ativo. O tempo humano se apresenta sob forma de esforço, de intenção. O homem vive no tempo, em outras palavras, na relação de antecedente a conseqüente. O que é o passado, faz parte ainda da ordem do tempo, da evolução, da mudança. (DOMINGOS, 2011.p.6).

Para o HAMPATHE BA na África tradicional, o tempo é compreendido como “longínquo presente”; o passado é uma vez presente, longínquo, mítico, ancestral, histórico. Ele é multiforme, pluridimensional. O estatuto de idoso, o mais velho, o chefe, é atribuído àqueles que fizeram provas da experiência e da sabedoria. O sábio, maduro pelo tempo, transforma o mais velho da linhagem, dos clãs, em chefe de etnia; este homem do passado, quer dizer, o velho que conhece a vida e os homens de outros tempos. “Na África, um velho [pessoa idosa] que morre é uma biblioteca que se queima e perde.” (HAMPATHE BA, apud DOMINGOS, 2011.p.6).

Nessa tradição o tempo não é o dinheiro como nas sociedades ocidentais, onde tudo tem que ser cronometrado. Nesse tipo de sistema o homem torna-se o escravo de tempo.

5.4.1 A TERRA

A terra para esse povo não é entendida como uma propriedade, mas, antes de tudo, é um lugar de adoração, porque consideram que lá estão os ancestrais. Por isso, tudo o que ali vai ser feito exige uma cerimônia/ritual antes dos trabalhos. Por exemplo, para cultivo, construção das casas e mais atividades que ali podem ser realizadas.

Em primeiro lugar, a terra é a fonte da vida e a ligação que o homem estabelece com ela passa necessariamente pela mediação dos gênios e antepassados que possuem a sua potência fecundante: bem vital, ela não pode ser apropriada como objeto, o homem deve fazer aliança com seus guardiões invisíveis.

Em segundo lugar, o indivíduo não existe na sua singularidade, isolado e abstrato, mas na sua participação em diferentes grupos, de parentesco e de aliança, de localidade e de vizinhança.

As diversas funções que ele assume são referentes ao seu estatuto, que dizer, o conjunto de direitos e deveres recíprocos correspondentes às diversas posições que ele ocupa.

Em terceiro lugar, a terra é um bem socializado em duplo sentido: sua valorização cultural estabelece uma ligação de dependência entre as gerações passadas, presentes e futuras; sua exploração deve ser feita pelos membros dos grupos familiares e residenciais criando entre eles as ligações de cooperação e de solidariedade. (DOMINGOS, 2011.p.8-9).

A vida, no pensamento africano, está organizada em hierarquia, na qual o homem ocupa o topo. O homem é também o rei do universo. A perfeição do seu modo de vida constitui o fundamento da sua existência. Para os africanos, a vida constitui o valor supremo. É o ponto ideal do homem tradicional africano. O seu fim último é viver intensamente e se realizar plenamente dentro das possibilidades. Este valor supremo que é a vida, serve de critério para o julgamento sobre todos os outros valores. Um ser tem mais valor em relação ao outro na medida da sua perfeição qualitativa e intensiva do seu modo de vida. (DOMINGOS, 2011.p.16). A vida é valorizada, quer dizer que o Homem tem um valor supra em relação a todo e qualquer outra criação. Por isso é que dão muito respeito a ela.

5.4.2 A MORTE

Os BALANTA acreditam que alguém morre? Na tradição BALANTA não acreditam na existência da morte. Para eles, a morte é uma viagem. Compreendem assim que nesse mundo só estão de passagem. Por isso nos atos fúnebres colocam muitos panos no chão como sinal de encomenda para os que estão do outro lado (os ancestrais).

Chamam de “homem ou mulher” de verdade, não pela coragem, ou pelo que se tem, mas sim pela sua determinação em honrar a sua palavra. Falar pouco e produzir mais.

YANGUIYANGUI é uma forma de adorar/cultuar. Ou seja, de entrar em contato com o SER SUPREMO (N’GHALA). A oração é o caminho para restauração da alma. A “oração” é o fio misterioso no qual o ser humano em perigo procura a sua proteção na fonte primeira. A oração é o regresso à fonte. Ela restabelece, simplesmente, o contato com a vida. Ela é verbo, palavra “salvadora”. Ela restabelece a ordem das coisas, ou em outras palavras, ela a recria. (M’VENG, 1963, p.160, apud DOMINGOS, 2011.p.16). Nas orações cada um endereça as suas preocupações, petições, desejos, agradecimentos, etc., aos ancestrais e *orixás* ou *inquices*, sobretudo aos mais poderosos dentre eles, aqueles dos quais descendem as comunidades, ou ainda aqueles cujos prestígios foram reportados pela tradição e os mitos que os amparam no estado sobrenatural.

5.5. AS GRANDES FESTAS

Na tradição BALANTA existem momentos de grandes celebrações e esses não acontecem por acaso, apesar de serem momentos de diversão. É sempre estabelecido o período que cada um tem que acontecer e qual a significação de se realizar naquele momento. O que quer dizer que, para festejar, deve haver momento e motivo para tanto.

As principais festas são: KUSSUND, FBALAK (Canta Pó), BROCKSA, KUASSÉ (Casamento), FÓ (Fanado), SINH KRITCH (Toka Tchur).

O Kussundé, Broksa e Canta Pó surgiram como uma simples diversão dentro da faixa etária dos ainda não circuncidados/iniciados (“Blufus”). Essas festas evoluíram até chegar à condição de competição entre pessoas, e depois entre tabancas. Da sequência informal de discussões provocativas que surgiam por diversão entre os blufus - por exemplo, nas situações em que um BUNU dizia ser mais talentoso, que cantava e dançava melhor que os outros, ou que uma determinada tabanca teria homens e mulheres que dançavam melhor que outras - derivaram os primeiros pedidos formais de desafio entre pessoas e posteriormente entre tabancas.

5.5.1. PREPARATIVOS

Kussundé, Broksa e Canta Pó são todos festejos precedidos de intensos ensaios, algumas vezes podendo ter duração de 3 meses, e ocorrem sobretudo no período da noite, já que durante dia todos estão ocupados com afazeres na tabanca. Em regra, homens e mulheres, que vão participar ativamente nestas atividades, preparam as roupas especiais para o dia do “veredicto final”.

Os preparativos requerem várias reuniões de concentração, para acertar a data, o local e alguns “regulamentos teóricos” para disciplinar o desenrolar do processo. Entre outros assuntos, são combinadas as encomendas das bebidas, dos animais e do arroz. As pessoas envolvidas na organização e os praticantes (bailarinos/as, cantores/as) têm que ser guarnecidos de alimentos, que sejam suficientes e de boa qualidade.

Os desafios duram até 3 dias. Os dois primeiros dias são preenchidos com atividades conforme a modalidade de dança em causa. O último dia é de confraternização

e de abraço entre os participantes. Tudo isto regado a bebidas, carne e sumo (“uedé nkuta”). Trata-se de um momento de relaxamento e descontração. Todo este processo é sempre acompanhado atentamente pelos mais velhos através dos seus valiosos conselhos. Isto porque o nome e prestígio da Tabanca ou da **MORANÇA** (o conjunto das casas que formam uma família nessa tradição e que geralmente são casas construídas sob a forma de um círculo com espaço no centro, onde as grandes cerimónias são realizadas) é que estão em causa (conforme o caso, pois há desafios que opõem pessoas da mesma tabanca e há outros que opõem duas tabancas diferentes).

No geral, sempre há resultados que podem favorecer uma ou outra parte, ou mesmo empate. É bom salientar que às vezes surge discussão à volta de quem é vencedor do desafio, mas no final surge consenso na fixação do resultado. Os grandes juizes em tudo isto acabam sendo as pessoas ou tabancas que não são parte ativa da atividade, mas que foram participar como espectadores. A eles cabe o papel de decidir o melhor desempenho dos competidores.

Estas atividades costumam, na maioria das vezes, ter lugar entre os meses de março, abril, maio e junho. Isto porque os meses antecedentes são de colheita e os posteriores de trabalho de campo.

Não há prêmio para os vencedores, mas apenas ganho de prestígio. Assim como também não existe humilhação para o derrotado, mas reconhecimento pela sua coragem e mérito como adversário digno.

5.6. Fanado (ritual da iniciação)

É celebrada neste festejo a última vez que uma pessoa poderá brincar ou dançar publicamente sem grandes motivos para tal, pois esta etapa marca a transição da classe inferior à superior. Nesse rito, o homem deixa de ser “blufu” e passa a ser “lambé”, ou melhor, homem grande (Lante Ndanh).

Alguns autores, como H.SCHRTZ e S. FREUD, citados por CAMMILLERI (2010), nos mostram o que é a iniciação dos jovens da seguinte maneira:

“A ideia fundamental da iniciação é de dar aos jovens a formação necessária para se tornarem adultos. A passagem da infância à maturidade realiza-se através de um contrato com os antepassados das famílias, entrando o noviço em relação com os espíritos dos antepassados que o mantam como crianças, ele renasce adulto e capaz de gerar. (SCHRTZ, apud CAMMILLERI, 2010.p38).

Conforme S. FREUD:

A iniciação dos jovens é uma medida tomada contra a rebelião dos filhos nascidos dum sentimento incestuosa. Enquanto que para os homens mais evoluídos, a rejeição deste desejo de incesto teria dado origem á civilização, para “primitivos”, por sua vez, os pais teriam criado uma instituição destinada a eliminar nos filhos esta perigosa tendência. (FREUD, apud CAMMILLERI, 2010.p.38).

Na etnia BALANTA não existe fanado de mulher. Essa passagem fica representada no momento de casamento. No ato do casamento a mulher é o único elemento protagonista de toda a cerimônia. O homem se limita a assistir. Portanto, toda a representação e ações realizadas no momento faz com que a mulher deixe a fase da menina passando já à fase de noiva (“mulher grande”).

O fanado é de extrema importância na vida dum homem BALANTA. Por isso todo mundo o deseja realizar. Além disso, para as mulheres é um orgulho e muito respeitoso estar com um iniciado (como mostra a figura 07 deste trabalho, UM LANTE NDAN). É difícil que um candidato a circuncisão recuse o rito, mas caso ele o faça, correrá o risco de ser desprezado pelos demais na sociedade, que iria lhe considerar como covarde. É da inteira responsabilidade do conselho dos anciões decidir sobre a marcação da data de cerimônia e normalmente o FÓ acontece de quatro em quatro anos. Quando a data for marcada, os pais chamam os filhos dando-lhes propostas, mas o candidato tem que exprimir satisfação. Se não, ele não vai. Na marcação de data da cerimônia, os BILANTE NDAN consideram muito o período e a disposição dos participantes, bem como as condições de assegurar aos iniciados seu albergue na mata (floresta). Por isso se marca o rito no ano em quem a colheita de arroz tiver sido boa. Geralmente acontece antes de época chuvosa: os iniciados ficam por um período de dois a três meses na mata e esse é o momento crucial e mais importante na vida dum homem Balanta.

Apesar de afastadas, as mulheres desempenham um papel basilar durante todo o período da cerimônia. São elas que preparam as comidas (o pequeno almoço, almoço e jantar). Os “lambes” (os responsáveis pelos iniciados) só levam para a “BARRACA” (lugar sagrado onde estão os iniciados). Uma coisa muito importante é que qualquer estranho que entrar na barraca será forçado a se iniciar, mesmo contra a sua vontade. Segundo um velho, é difícil que um iniciado de outra escola entre nas Barracas dos Balanta, com exceção dos PAPEIS e NALUS. Lembrando que as escolas de iniciação

variam de Etnia para etnia na Guiné-Bissau; e cada etnia tem as suas práticas e os seus costumes.

5.6.1. BARITE VERMELHO (NFBAQUI FÁN)



Figura 12:

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+mortode+kumba+iala+guiné+bissau&visitado+em+21/12/2014>

É o sinal de reconhecimento e de distinção de um LANTE NDAN em relação às outras classe sociais desse povo. Entre os BILANTE BINDAN existe uma hierarquia que só quem for iniciado pode entender bem. Isso pode ser explicado por um LANTE NDAN detalhadamente, tal como é o meu caso. As distinções são simbolizadas através de chapéus. Nos recém-circuncidados, a parte de ponta de chapéu cai para frente e depois de um certo período, determinado pelo conselho dos anciões, os lambes viram aquela parte de ponta de modo que caia para o lado esquerdo da cabeça. Com o passar do tempo já deixa de cair de lado e passa a ficar na posição vertical/reta para cima. Mas isso só quando o circuncidado servir de lambe, quando também começa a fazer sair a parte amarela do chapéu para fora. Os mais velhos já não usam esse tipo de chapéu. Fazem chapéu com palha, mostrando que já atingiram nível máximo de graduação exigida pela tradição. Os mais velhos só usam esses chapéus de palha quando tiverem grandes cerimônias na tabanca.

Geralmente eles usam esse chapéus nas grandes cerimônias para não serem confundidos com as crianças. Quando um “Lante ndan” vai sair do seu ambiente normal, obrigatoriamente deve usar, porque senão ele ficará responsável por qualquer confusão

que lhe eventualmente acontecer, como, por exemplo, alguém lhe tratar de bulufu. Ele não pode e nem deve reagir porque tem uma coisa que lhe distingue dos demais e ele não a usa.

5.7. NHIRI KI RITCH (TOCA TCHORO)



Ñere Kafe: Ritual funerário.

Figura 13: Nhere Kafe/ kritch: Ritual funerário

Este surgiu de uma forma mítica para invocar a alma dos entes falecido. Nesse rito se fala indiretamente com eles, através da rega de sua sepultura com sangue de animais, que lhe servirão de riqueza noutra mundo. Segundo a tradição Balanta, quem não realizar essa cerimônia para o seu ente querido passa azares na vida. Na maioria das vezes, se faz de uma forma geral: através do velho da “*morança*” (conjunto das casas que formam uma família nessa tradição e do templo Zinho que fica no centro). Convoca -se toda a família para uma reunião e se discute como organizar a cerimônia e as respectivas divisões de tarefas, para os homens e as mulheres. Essa cerimônia, além de ser uma forma de reconhecimento aos ancestrais, pode ser vista também como uma ostentação. A família decide sempre investir muito, porque que preocupa como será a repercussão entre todos. Por isso preza para que tudo saia como planejado. Geralmente ocorre no período de campanha da castanha de caju, entre março e maio. Nessa altura é tempo de abundância, com vinho de caju e mais produtos que podem ser trocados e as despesas tornam-se mais

leves para a família que está realizando a cerimônia. Na verdade, as despesas da cerimônia não só recaem nos ombros das famílias que estão diretamente ligadas à preparação da cerimônia. Elas se estendem para toda a TABANCA. O momento principal dessa cerimônia é o sacrifício de animais e a irrigação com sangue nas sepulturas dos entes queridos. Além desses animais sacrificados é reservado um boi para o conselho dos anciões, que não pode e nem deve faltar. Se faltar, a cerimônia não vai ser considerada.

5.8. KUASSÉ (CASAMENTO)



Kpal: Ritual do casamento: momento dos ensinamentos.

Figura 14: Kpal: Ritual do casamento: momento dos ensinamentos

Segundo a tradição africana, casamento é a união de homem e mulher, ou seja, dos dois por consentimento. Além de unir um casal de pessoas consiste também na união entre as duas famílias (a do marido e da esposa). É uma união eterna, mesmo que se divorciem. Os laços entre as famílias permanecem e assim como a ajuda mútua em diversos sentidos.

Na tradição BALANTA o casamento é equiparado com o fanado (cerimônia que torna um homem adulto, ou seja, que lhe dá o direito de falar por si e de se responsabilizar pelos seus atos - ALANTE NDAN). Nessa tradição, as mulheres não fazem a excisão. O casamento é o momento mais importante para uma moça, porque ela torna adulta e é quando ela começa a responsabilizar-se pela casa em alguns aspectos.

Nessa tradição, podemos dizer, essa cerimônia está dividida em duas partes: a primeira é a aliança entre as duas famílias e a segunda os rituais nele contidos (o corte dos cabelos, a vestimenta, o ocultamento do rosto e o sacrifício de animais). Mas esses

rituais as vezes variam de lugar para lugar devido a sua localização e a influência da sociedade em que são realizados. Contudo, quase 98% dos rituais são os mesmos por toda parte onde estão os BALANTA. Isso quer dizer que sempre tem coisa na tradição que, mesmo querendo, não muda, e nem pode ser mudado.

5.8.1 ALIANÇA ENTRE AS FAMÍLIAS

Quando o jovem estiver já na fase de ter mulher, o pai lhe chama e conversam. Buscam então se por de acordo e então o jovem, juntamente com o pai ou um tio, vão para a casa da futura esposa falar com os pais dela. Levam consigo aguardente e folhas de tabaco. Ao chegar apresentam-se e põem o assunto a mesa. No final o pai da futura esposa não pode tomar nenhuma decisão. Ele pede para o pretendente que lhe dê tempo porque ele vai ter que reunir a família para decidir. Depois, o pai reúne a família toda e relata o que está acontecendo. De lá sai uma decisão. Com a tomada da decisão o pai já é tirado fora do jogo e os tios e as tias, e se houver mestra, tomam parte como membro de pleno direito na organização de todo o ritual. Com o tempo, o pretendente volta para ouvir a resposta e se a resposta for satisfatória, logo marcam a data de começo das cerimônias. Em geral, para esse povo não existe o dote, tal como em outras tradições africanas, principalmente em Guiné Bissau. A partir do momento em que a resposta for positiva já começa a aliança entre as duas famílias, privilegiando o respeito acima de tudo. O pretendente só leva aguardente e tabaco para selar a aliança e em sinal de respeito e de compromisso com a família da futura esposa.

5.8.2. OS RITUAIS

Geralmente as cerimônias começam três dias antes do matrimônio efetivo. No primeiro, a tia, ou seja, a mestra da noiva, coloca a milho num recipiente de água com a finalidade de germinar. No terceiro dia, pegam o recipiente para ver se germinou ou não. Depois a mestra peca na cabra indicada para a cerimônia até que urine. Sinal da virgindade da noiva, dizem os velhos. Se a moça não for virgem, nunca mas nunca a cabra vai urinar. Contudo, geralmente são virgens. A moça que no momento de seu casamento receber a indicação de desvirginada, isso consistirá na maior desonra para a família. Depois disso seguem os sacrifícios dos animais. A própria cabra que urinou é a primeira a ser sacrificada para preparar comida (a dita “Bianda Malgos”), a “comida sagrada”.



Asma ko: Corte do cabelo.

Figura 15: Asma ko: Corte do Cabelo

O corte dos cabelos já começa, assim como os momentos de consagração da moça. Dela são cortados todos os cabelos da cabeça. Contudo, antes de ter os cabelos cortados, ela é tirada do ambiente normal e assistida pela mestra, e outras velhas da “morança”, e levada para um poço (fonte), ou uma lagoa, para tomar o banho, que sinaliza o fim de sua juventude. Por fim, ela é vestida com um pano branco que vai da cintura ao joelho e um lenço preto na cabeça para cobrir a cara. Daquele momento em diante ela tem que ficar seis dias com rosto coberto, mesmo saindo fora de casa. O pano branco com o qual é vestida servir-lhe-á no futuro, quando morrer o marido. Aquele pano vai servir para lhe cobrir o corpo. No final de tudo a mestra chama atenção de alguns aspectos de vida, das coisas que ela já não deve fazer e como se comportar com o marido - exemplo de alguns conselhos: *UAMBU AK HAL NDA* (saiba que agora tu és velha), *kuassé ki hal* (trate bem o seu marido), *lamna mbidim* (eduque os vossos filhos). E então, depois disso, lhe tiram o pano. Os rituais se encerram no sexto dia. No sexto dia de manhã a nova é levada de novo para tomar banho e vestida de outras roupas. Depois ela começa o seu canto e a festa continua até a noite. (CAMMILERRI, 2011.p.49)



Wassa lite:
Purificação da noiva.

Figura 16: *Wassa lite*: Purificação da noiva.

6 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi mostrado, desde o início desse trabalho, os Balanta são tachados de perturbadores da nação. São eles muitas vezes acusados de serem o principal motivo de instabilidade sócio-política e econômica do país. Mas isso é devido sobretudo à má leitura do outro, do julgar “o livro pela capa”. Na verdade, esse povo é um povo muito simpático, trabalhador, honesto, mas que não gosta de falta de respeito. Um homem Balanta prefere morrer do que se envergonhar (perder a dignidade). Para ele a vergonha é pior coisa que pode acontecer com um ser humano, por isso o respeito reina em todos os domínios da vida. Se estão tachando eles de perturbadores é porque não querem vê-los na vida política do país. Mas uma coisa é real: deram a vida na luta de libertação e até presente momento são maioria nas forças armadas do país. Fica ridículo pô-los fora do jogo. Isso é a razão de todo o conflito do país. Não é que os outros não lutaram, mas eles eram a maioria. Por

algumas razões: a luta da libertação teve seu início no sul do país, no quartel de TITI, e nessa zona os Balanta são majoritários. Vale lembrar que a sua organização social e política se dá de forma horizontal, o que quer dizer que não existe um único chefe, um que todo mundo deve obedecer, mas sim um conselho de anciões (BILANTE BINDAM), onde todas as decisões são tomadas a respeito da *MORANÇA*, embora só os circuncidados façam parte do referido conselho.

Toda vida dum homem BALANTA está ligada com a natureza, voltada a sua religião, porque para ele a natureza é a força vital. Por isso todas as grandes cerimônias desse povo são realizadas na mata (um lugar não só dos animais, mas sim um lugar de força, um lugar de conforto), onde é possível se comunicar também com os ancestrais.

A vida, no pensamento africano, está organizada em hierarquia, na qual o homem ocupa o topo. O homem é também o rei do universo. A perfeição do seu modo de vida constitui o fundamento da sua existência. Para os africanos, a vida constitui o valor supremo, a ponto do ideal do homem tradicional africano, o seu fim último, ser viver intensamente e se realizar plenamente dentro das possibilidades. Este valor supremo que é a vida serve de critério para o julgamento sobre todos os outros valores. Um ser tem mais valor em relação ao outro na medida da sua perfeição qualitativa e intensiva do seu modo de vida. (DOMINGOS, 2011.16). A vida é valorizada, quer dizer que o homem tem um valor supra em relação a todo e qualquer outra criação por isso é que dão muito respeito a ela.

Na cultura BALANTA a forma de enxergar o universo, de entender o SAGRADO, é muito especial. Um homem BALANTA acredita na reencarnação, porque, para ele, a morte é uma viagem. Por isso, nos atos fúnebres, colocam muitos panos no caixão, que é sinal de encomenda para os que estão no outro lado (os ancestrais). Chamam de “homem ou mulher” de verdade não as pessoas corajosas, ou pelo o que elas têm, mas sim pela sua determinação em honrar a sua palavra. Falar pouco e produzir mais, isso é que ali conta. A fala na sociedade africana em geral tem muito valor, é com ela é que são realizadas as alianças de casamento ou qualquer outro tipo de aliança, as grandes cerimônias. Por isso, na tradição BALANTA ela é considerada o princípio e o fim de tudo. Não é por acaso que existem as divisões de faixas etárias tanto para as moças quanto para os rapazes. Isso acontece porque ali aprendem a lidar com o próximo e principalmente a ser uma pessoa honesta. Uma famosa frase que sempre se usa para

mostrar essa determinação, ou seja, para afirmar a honestidade é a seguinte: “*mbanh rassa ah uianh u oth ma lake unhani*” (a faca dum homem Balanta quando sair não volta sem cortar nada”. Isso é para dizer que a verdade deve prevalecer acima de tudo.

“EU EXISTO PORQUE NÓS EXISTIMOS”. A união faz força. Porque que algumas pessoas querem nos dividir hoje? A união foi fundamental para a nossa independência. Sem ela não existiria Balanta, fula, Manjaca, Papel, Mancanhi/Brama... Éramos um só (se chamavam de camarada). Os que querem nos dividir são os que querem reinar, mas não devemos permitir isso, porque a nossa querida Guiné custou milhares de vidas. O símbolo do nosso brasão é a *UNIDADE, LUTA E PROGRESSO*, então irmãos vamos nos unir e, por todo lado, vamos prosseguir em frente e sem esquecer dos riquíssimos valores que temos nas nossas diversidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMMILLERI, Salvatore. Identidade cultural do povo Balanta. Trd. Lino Bacari e Maria Fernanda Dâmaso. ed: Fernando Mão de Ferro. Lisboa, novembro de 2010. P.07-117.
- DOMINGOS, Luís Tomás. A visão Africana em relação à natureza. In Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH – Questões teórico- metodológicas no estudo das religiões e religiosidade. Maringá (PR), v. III n.9, p. 1 -11 jan. 2011.
- _____. O Corpo e a corporeidade negra na cosmovisão Africana: um recurso pedagógico ao ensino da história e cultura afro-brasileira-brasileira. In Anais do III Seminário Nacional de estudos de história e culturas Afro-Brasileira e Indígena. Campina Grande (PB), ed. Realize 2010.
- _____. A dimensão religiosa da medicina Africana tradicional. In Anais as SOTER 2013 Acesse site: [www. SOTER. org](http://www.SOTER.org). 2013
- _____. Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859.
- FREHU-N-FLIF Nº 13: A COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA NA CULTURA BALANTA visto em: <http://tchogue.blogspot.com.br/2013/06/frehu-composicao-da-familia.html-n-flif-n-13> visitado no dia 06/06/2014
- HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós-Modernidade. DP&A Editora. Rio de Janeiro. 2006.
- HAMPATE BA , A . A tradição viva. In UNESCO. *História geral da África, I: Metodologia e pré -história da África* / editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.
- JULES-ROSETTE. B. Faith healers and folk healers: the symbolism and practice of indigenous therapy in urban Africa’ in Religion. II:127-149, 1981.

- A República da Guiné-Bissau: o país: Disponível em : <
http://gov.gw/index.php?option=com_content&view=article&id=393&Itemid=1804&lang=pt> visitado em 14/11/2014
- História da Independência política da Guiné-Bissau: Disponível em:
<<Http://www.anguinebissau.org/historia/historia-guine-bissau/historia-da-guine-bissau>> visitado em 20/08/2014.
- Disponível em: <<http://image.baidu.com.br> visitado em:05/11/2014
- Disponível em: <www.didinho.org. Visitado em 05/07/2014.
- Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+mortode+kumba+iala+guiné+bissau&> visitado em 21/12/2014.

BIBLIOGRAFIA:

- BIAGUE, Mário Fernandes. Seminário Sankofa: Tradição e Modernidade: o impacto e consequências da colonização na sociedade Guineense na atualidade.
- CAMMILLERI, Salvatore. Identidade cultural do povo Balanta. Trd. Lino Bacari e Maria Fernanda Dâmaso. ed: Fernando Mão de Ferro. Lisboa, novembro de 2010. P.07-117.
- Casamento africano e suas tradições in: <
<http://onossocasamento.pt/artigos/casamento-africano-suas-tradicoes>_visitado em 02/12/2014.
- Discutindo a morfologia de alguns nomes próprios Balantas em:
<<http://www.didinho.org/morfologia%20nomes%20balantas.pdf> visitado em 23/03/2013.

- DOMINGOS, Luís Tomás. A visão Africana em relação à natureza. In Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH – Questões teórico- metodológicas no estudo das religiões e religiosidade. Maringá (PR), v. III n.9, p. 1 -11 jan. 2011.
- _____. O Corpo e a corporeidade negra na cosmovisão Africana: um recurso pedagógico ao ensino da história e cultura afro-brasileira-brasileira. In Anais do III Seminário Nacional de estudos de história e culturas Afro-Brasileira e Indígena. Campina Grande (PB), ed. Realize 2010.
- _____. A dimensão religiosa da medicina Africana tradicional. In Anais as SOTER 2013 Acesse site: [www. SOTER. org](http://www.SOTER.org). 2013
- _____. Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859.
- FREHU-N-FLIF N° 13: A COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA NA CULTURA BALANTA visto em: <http://tchogue.blogspot.com.br/2013/06/frehu-composicao-da-familia.html-n-flif-n-13> visitado no dia 06/06/2014
- GIESING,Cornélia. Soronda revista de estudos Guinenses. Agricultura e resistência na história dos Balantas-Bejaa.p. 125-177. Em:< http://epub.ub.uni-muenchen.de/5741/1/giesing_5741.pdf visitado em 10/10/2014.
- Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Identidade> visitado em 10/04/15.
- HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós-Modernidade. DP&A Editora. Rio de Janeiro. 2006.
- HAMPATE BA , A . A tradição viva. In UNESCO. *História geral da África, I: Metodologia e pré -história da África* / editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.
- IMBALI, Faustino. Soronda revista de estudos Guinenses n° 14 de julho de 1992.Um olhar sobre sistema alimentar Balanta: o caso das tabancas de Mato Foroba e Cantone. p.03-29 Disponível em: <http://www.inpbissau.org/LinkClick.aspx?fileticket=gy19bSoM%2f1M%3d&tabid=61&mid=393> visitado em 10/10/2014.

- JULES-ROSETTE. B. *Faith healers and folk healers: the symbolism and practice of indigenous therapy in urban Africa* in Religion. II:127-149, 1981.
- LWANGA-Lunyigo, Samwiri. Vansina, Jan. Os povos falantes de banto e a sua expansão. In: História Geral da África, sec. VII a XI. vol. 03 cap.06. P. 1- 27.
- LDEROGGE, D: Migrações e diferenciação étnica e linguística. In: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Migracoes-e-diferenciacoes-etnicas-e-linguisticas.pdf>. visitado em: 15/12/2014.
- Os Balanta e a sua Agricultura disponível em: <http://www.carlosduarte.ecn.br/balantasagricultura.htm> visitado em 20/09/2014
- Sobre alguns aspectos da etnia Balanta. Breve Historial do Surgimento da atividade de Cerâmica na etnia Balanta disponível em: <http://www.artissal.org/Sobre%20alguns%20aspectos%20da%20etnia%20Balanta.pdf> visitado em 05/07/2014.
- Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Identidade>, visitado em 14/12/2014
- Disponível em: <http://www.anpguineebissau.org/historia/historia-guineebissau/historia-da-guine-bissau>) visitado em 20/08/2014.
- Disponível em: <http://image.baidu.com.br> visitado em: 05/11/2014.
- Disponível em: <http://countrymeters.info/pt/Guinea-Bissau> visitado em 05/11/2014.
- Disponível em: www.didinho.org. visitado em 05/07/2014
- Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+mortode+kumba+iala+guiné+bissau&> visitado em 21/12/2014.
- Disponível em: <http://www.grupoescolar.com/pesquisa/cultura-um-conceito-antropologico.html> visitado em: 03/04/2015
- Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Identidade> visitado em 10/04/15.